



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE ESTUDOS DO CERRADO DA CHAPADA DOS VEADEIROS –**  
**CENTRO UnB CERRADO**

**CLEONICE MARIA DA SILVA**

**O desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado: as implicações nas práticas de cura dos(as) raizeiros(as), benzedores(as), curandeiros(as) e pajés das comunidades indígenas Pankararu-Pataxó e Aranã**

**Alto Paraíso de Goiás – GO**

**2018**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE ESTUDOS DO CERRADO DA CHAPADA DOS VEADEIROS –**  
**CENTRO UnB CERRADO**

**O desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado: as implicações nas  
práticas de cura dos(as) raizeiros(as), benzedores(as), curandeiros(as) e  
pajés das comunidades indígenas Pankararu-Pataxó e Aranã**

**CLEONICE MARIA DA SILVA**

Dissertação apresentada à Universidade de Brasília  
como parte das exigências para a obtenção do  
título de Especialista em Sociobiodiversidade e  
Sustentabilidade do Cerrado.

Orientadora: Dra. Mônica Nogueira

Co-orientadora: Dra. Renata Correia Martins

**Alto Paraíso de Goiás – GO**

**2018**

SILVA, Cleonice Maria.

O desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado: as implicações nas práticas de cura dos(as) raizeiros(as), benzedores(as), curandeiros(as) e pajés das comunidades indígenas Pankararu-Pataxó e Aranaã.

Monografia – Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros – Centro UnB Cerrado, Universidade de Brasília.

Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* – Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Mônica Nogueira.

Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Renata Corrêa Martins.

1. Plantas Medicinais 2. Cerrado 3. Degradação 4. Práticas de Cura I. SILVA, Cleonice Maria. II. Título

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**CENTRO DE ESTUDOS DO CERRADO DA CHAPADA DOS VEADEIROS –  
CENTRO UnB CERRADO**

**O desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado: as implicações nas práticas de  
cura dos(as) raizeiros(as), benzedores(as), curandeiros(as) e pajés das comunidades  
indígenas Pankararu-Pataxó e Aranã**

**CLEONICE MARIA DA SILVA**

Trabalho apresentado ao Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros (Centro UnB Cerrado) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

**BANCA EXAMINADORA:**

Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Faculdade UnB Planaltina (FUP), Universidade de Brasília (UnB), Presidente

Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Departamento de Antropologia (DAN), Universidade de Brasília (UnB), Examinadora Externa

Dr. Sérgio Sauer

Faculdade UnB Planaltina (FUP), Universidade de Brasília (UnB), Examinador Interno

MSc. Antônio Fernandes de Jesus Vieira (Dinaman Tuxá), Articulação dos Povos Indígena do Brasil (APIB) e Faculdade de Direito (FD), Universidade de Brasília (UnB), Convidado Especial e Examinador Indígena

Planaltina – DF, 04 de dezembro de 2018.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho às minhas filhas, Uakyrê, Ytxahá, Nehewane, e à minha neta, Tayniawara Lyra. Aos parentes indígenas Pankararu, Pataxó e Aranã, a todos os povos originários e comunidades tradicionais do Cerrado e da Caatinga; aos raizeiros, raizeiras, benzedores, curandeiros, curandeiras e pajés, verdadeiros guardiões das práticas ancestrais da medicina tradicional do Cerrado e da Caatinga, protetores dos conhecimentos, saberes e fazeres, herança valiosa dos nossos antepassados.

## **AGRADECIMENTOS**

Minha gratidão ao grande SANT'Â, protetor da Vida, guardião da Mãe Terra.

A todos que cruzaram o meu percurso nas idas e vindas à Chapada dos Veadeiros, em Alto Paraíso de Goiás – palco de lembranças das inúmeras caminhadas feitas na minha infância – com quem, no decorrer do curso, criei fortes vínculos de amizade, construídos a partir dos mesmos sonhos, propósitos, objetivos e compromissos em defesa do bioma Cerrado e dos seus habitantes.

A cada um dos professores que ministraram com muita propriedade, dedicação, respeito, empolgação, compromisso e responsabilidade os conteúdos previstos nos módulos.

Minha gratidão às amigas Thamiris Andrade e Lígia Cristina Cazarin Oliveira, que me acolheram em suas residências em Brasília. Ao amigo Leonardo Pereira Fraga, pelas caronas de Brasília à Chapada dos Veadeiros. A Alexandra Ferreira Pedroso, pela acolhida em sua casa em Alto Paraíso de Goiás – GO. A Leciane Moreira, pela companhia de sempre durante os percursos de trabalhos e pesquisas. A Claudia Izabel Lulkim, pelos momentos de reflexões e aprendizado sobre a alimentação saudável e plantas alimentícias não convencionais (PANCs) do Cerrado. À amiga Selma de Almeida Bernardes, moradora do Sertão, que nos acolheu com muito carinho em seu lindo espaço de vivência, juntamente com sua mãe, guardiã dos conhecimentos, saberes e fazeres indígenas e quilombolas da Chapada dos Veadeiros. A todos os colegas de curso, com suas especificidades, visões de mundo e potencial para partilhar seus valores de vivência coletiva: Hugo, Caio, Felipe, Luanna, Wallace, Maria José, Thalita, Nilcionir, Luciano, Átila, Alejandra, Joana e Sat, proporcionando momentos de entusiasmo, alegria nos momentos de desânimo e trocas de experiências valiosas.

Muito grata às minhas orientadoras, Mônica Nogueira e Renata Correia Martins, pelas orientações, ponderações, avaliações e incentivos na construção do trabalho e realização da pesquisa.

Por fim, minha gratidão ao Centro UnB Cerrado, nas pessoas das professoras Nina Paula Laranjeira, Regina Coelly Fernandes, Tânia Cristina Cruz e do diretor André Cunha, que enfrentaram com serenidade, sabedoria e compromisso os desafios do cotidiano no decorrer do curso Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

*Meu caboco índio, o que é que anda fazendo aqui?  
Ô meu caboco índio, o que é que anda fazendo aqui?  
Eu ando por terras alheias procurando **minhas ciências**.*

Canto de celebração religiosa do povo Pankararu.

## RESUMO

O bioma Cerrado abriga uma considerável sociobiodiversidade, com características próprias. O processo acelerado de extinção da diversidade de espécies de plantas, dentre as quais as ervas medicinais, é uma realidade trágica de diversos ecossistemas que formam o bioma Cerrado. Neste contexto, a presente pesquisa teve como objetivo verificar junto às comunidades indígenas Pankararu-Pataxó e Aranã o desaparecimento de plantas medicinais, analisando e refletindo sobre os impactos desse processo sobre as práticas de cura ainda utilizadas por esses povos. Foram realizadas entrevistas com dois praticantes da medicina tradicional, moradores de municípios limítrofes localizados em uma região de transição de Cerrado–Caatinga e com vestígios de Mata Atlântica: a raizeira e benzedeira Pankararu, da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba (em Araçuaí – MG), e o raizeiro e benzedor Aranã, da fazenda Alagadiço (em Coronel Murta – MG). Os resultados das análises e reflexões críticas sobre os dados obtidos demonstraram que não somente o desaparecimento das plantas medicinais, como também ações sociopolíticas e religiosas implicam em perdas, direta e indiretamente, para as práticas de cura e ritualísticas dos benzedores, raizeiros e pajés, que sofreram e ainda sofrem impactos importantes desencadeados pelo modelo hegemônico e epistemicida de desenvolvimento da atual sociedade moderna.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais; Cerrado; Degradação; Práticas de Cura.



## **ABSTRACT**

The Cerrado biome is home to a considerable socio-biodiversity with its own characteristics. The accelerated process of extinction of the diversity of plant species, among them the medicinal plants, is a tragic reality that is occurring in several ecosystems that form the Cerrado biome. In this context, the present research aimed at verifying the disappearance of medicinal plants from the indigenous communities Pankararu-Pataxó and Aranã, analyzing and reflecting on the impacts of this process on the healing practices still used by these peoples. Interviews were conducted with two practitioners of traditional medicine, residents of bordering municipalities, located in a transition region of Cerrado–Caatinga and with traces of Atlantic Forest: a Pankararu raizeira and benzedeira from Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba (Araçuaí – MG), and the raizeiro and benzedor Aranã from Alagadiço farm (Coronel Murta – MG). The results of the analyzes and critical reflections on the data showed that not only the disappearance of medicinal plants, but also socio-political and religious actions implies losses, directly and indirectly, for the healing and ritualistic practices of benzedores, raizeiros and pajés, who suffered and still suffer important impacts triggered by the hegemonic and epistemicidal model of development of the modern society.

**Keywords:** Medicinal plants. Cerrado. Degradation. Healing practices.

## UM BREVE MEMORIAL

Em uma simples apresentação, gostaria de registrar aqui um pouco sobre mim. Meu nome de batismo, na religião católica e em português, é Cleonice Maria da Silva. Na tradição do meu povo originário Pankararu, sou Toá Kanynã Pankararu. Tenho 52 anos e sou mãe de três filhas: Ytxahá, Uakyrê e Nehewane, e avó de Tayniawara. Sou graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Atualmente minha residência é a Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha – MG. Mas minha origem é a Aldeia Brejo dos Padres, município de Tacaratu, Sertão pernambucano, região do Médio São Francisco – PE. Devido à construção de grandes hidrelétricas na década de 1970, muitas famílias representantes de povos originários e tradicionais foram expulsas de seus territórios, e uma dessas famílias foi a minha. Após a expulsão e perda de suas moradias, meus pais viveram uma vida de seminômade, percorrendo várias regiões do país, inclusive perambulando pela Chapada dos Veadeiros nos anos de 1979 a 1982, trabalhando na mineração de São João d’Aliança, vendendo “mão de obra barata” às empresas para sustentar os filhos. Tempos depois, a família migrou para Minas Gerais, onde construiu uma nova aldeia juntamente com o povo Pataxó e outros povos que também tinham perdido seus territórios e migraram para essa região.

Trabalho na área de saúde como técnica de enfermagem no PSI – Polo de Saúde Indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), atendendo comunidades indígenas dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Há muito tempo venho observando que as práticas tradicionais dos povos indígenas, utilizadas para tratamento e cuidados com a saúde, estão desaparecendo. Nas comunidades indígenas muitas plantas já não estão sendo cultivadas ou encontradas na mata como antes. Essa preocupação me fez retornar, após alguns anos, ao espaço acadêmico e, para minha surpresa, felicidade e, ao mesmo tempo, tristeza, fui parar na Chapada dos Veadeiros, região que percorri com meus familiares ainda criança. A minha tristeza era por não ver o Cerrado. Via no meu percurso de volta mais de 300 km de soja no lugar do Cerrado. O Cerrado nativo, que conheci na minha infância, desapareceu totalmente. Mas fiquei feliz ao reencontrar minha antiga professora dos primeiros anos de escola, a proprietária da lanchonete Portugal, que margeia a BR entre São João d’Aliança e Alto Paraíso.

No Centro UnB Cerrado apresentei a minha proposta de pesquisa: o desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado e os impactos nas práticas tradicionais de cura utilizadas pelos raizeiros, benzedores, curandeiros e pajés. Algumas dificuldades ocorreram durante as

atividades, mas foram superadas. Escolhi esse problema como foco principal para minha pesquisa, visando garantir a validade e o reconhecimento, nos espaços acadêmico-científicos, da etnomedicina, dando visibilidade aos graves impactos que atingem direta e indiretamente as práticas tradicionais de cura. Os caminhos da pesquisa são surpreendentes. Disseram-me que a pesquisa é uma “parideira”, sempre produzindo e reproduzindo novos filhotes, novas crias. Em outra analogia, utilizando as pontuações da gramática, a pesquisa em seu arcabouço terá a vírgula, os dois pontos, as exclamações, as aspas, as reticências, principalmente as interrogações, mas não terá um ponto final. Acredito que esta pesquisa vai gerar muitas possibilidades, outros focos, outros “filhotes” importantes no campo fértil do etnoconhecimento dentro da imensidão do universo da etnociência.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 – O CERRADO E CAATINGA DO MÉDIO JEQUITINHONHA:</b>	
<b>DEGRADAÇÃO DO SEMIÁRIDO MINEIRO E A MEDICINA TRADICIONAL ...</b>	<b>13</b>
1.1.1 – Os caminhos das etnociências e da etnoconservação .....	14
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 – PANKARARU-PATAXÓ E ARANÃ: HISTÓRICO, TERRITÓRIO E</b>	
<b>CULTURA.....</b>	<b>23</b>
2.1.2 – Os raizeiros-benzedores e suas ciências.....	27
2.1.2.1 – Os Encantados e os Praiás .....	30
<b>2.3 – CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES DE COLETAS DE PLANTAS</b>	
<b>MEDICINAIS NATIVAS.....</b>	<b>31</b>
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 – AS PRÁTICAS DA MEDICINA TRADICIONAL NAS COMUNIDADES</b>	
<b>PANKARARU-PATAXÓ E ARANÃ DO MÉDIO JEQUITINHONHA.....</b>	<b>35</b>
3.1.1 – Plantas espontâneas .....	38
3.1.2 – Plantas de uso feminino.....	40
3.1.3 – Plantas de uso masculino.....	42
3.1.4 – Plantas de uso infantil e recém-nascido .....	43
3.1.5 – Plantas de uso em animais domésticos.....	45
3.1.6 – Plantas com propriedade inseticida .....	47
<b>3.2 – IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DE PLANTAS</b>	
<b>MEDICINAIS QUE ESTÃO DESAPARECENDO .....</b>	<b>47</b>
<b>3.3 – O VALOR TERAPÊUTICO DAS PLANTAS MEDICINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>3.4 – CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE CURA .....</b>	<b>54</b>
3.4.1 – Formas de tratamentos e os modos de preparar os remédios .....	54
<b>3.5 – CUIDADOS E ADVERTÊNCIAS DOS RAIZEIROS E BENZEDORES.....</b>	<b>58</b>
<b>3.6 – A SITUAÇÃO ATUAL DOS RAIZEIRO, RAIZEIRA, BENZEDORES E</b>	
<b>PAJÉS E AS PRÁTICAS DA MEDICINA ANCESTRAL .....</b>	<b>59</b>
<b>3.7 – O VALOR DA MEDICINA TRADICIONAL PARA OS POVOS E</b>	
<b>COMUNIDADES TRADICIONAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>3.8 – OS IMPACTOS AMBIENTAIS NAS ÁREAS INDÍGENAS PANKARARU-</b>	
<b>PATAXÓ E ARANÃ .....</b>	<b>61</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>4.1 – ESTRATÉGIAS DE INTERCÂMBIO E CONSTRUÇÃO DE ALIANÇAS. ....</b>	<b>64</b>
4.1.2 – Parceiros e aliados.....	68
<b>4.2 – RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>71</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>72</b>
<b>7. APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>74</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 – O CERRADO E CAATINGA DO MÉDIO JEQUITINHONHA: DEGRADAÇÃO DO SEMIÁRIDO MINEIRO E A MEDICINA TRADICIONAL**

O Cerrado, constituído por um conjunto de ecossistemas singulares, é o segundo maior bioma da América do Sul, abrigando um terço da biodiversidade do Brasil e mais de 10 mil espécies vegetais. Essa grande diversidade está relacionada ao fato de o Cerrado encontrar-se na região central do Brasil, conectando-se com diversos biomas, dentre os quais a Caatinga. Nesse espaço territorial vivem vários povos indígenas e uma grande diversidade de povos tradicionais que fazem uso da biodiversidade. Em uma relação ancestral com as variadas formas de vida, esses povos desenvolvem práticas destinadas à domesticação de animais e vegetais. O cultivo de plantas medicinais pelos povos originários ocorreu há séculos,

Com a chegada do humano na América do Norte, cerca de 20 mil anos atrás, os imigrantes indígenas passaram à domesticação de plantas, como o feijão, milho, cacau, mandioca, seringueira e principalmente, plantas medicinais. O conhecimento dos povos indígenas sobre aproveitamento de plantas medicinais constitui-se uma das mais importantes contribuições para o desenvolvimento da medicina atual (BARBOSA, 2002, p. 10).

Dentre esses povos que habitam o Cerrado, encontram-se os Pankararu-Pataxó e Aranã, localizados na região do Médio Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, onde se observa uma área de transição entre o Cerrado e Caatinga e vestígios de Mata Atlântica. A relação milenar com o seu território atribuiu a esses habitantes originários e migrantes o acúmulo de conhecimentos e experiências sobre o meio em que vivem e sempre viveram de forma integrada, possibilitando a transmissão de seus conhecimentos e saberes próprios para as gerações seguintes. Assim, “as práticas da medicina tradicional com diversos recursos naturais, como sistema de cura, são utilizadas por esses povos indígenas para tratamentos de diversos males” (DIAS e LAUREANO, 2010, p. 42).

As áreas de transição do Cerrado para outros biomas, como por exemplo a transição Cerrado–Caatinga, muitas vezes são desconsideradas em seu domínio biogeográfico.

O domínio biogeográfico do Cerrado brasileiro ocupa cerca de 200 milhões de hectares na região central do território brasileiro. Nem sempre a abordagem sobre a área do Cerrado brasileiro incorpora a discriminação entre a área central do bioma e as chamadas áreas de transição para outros biomas. Alguns estudos ignoram a existência dessas últimas, simplificando a divisão territorial (zona de fronteira) entre dois ou mais domínios (MAZZETO, 2009, p. 90-93).

Na perspectiva da sociobiodiversidade e da sustentabilidade, a medicina tradicional é um patrimônio ancestral, do qual as populações originárias e tradicionais são guardiãs. Portanto, esta pesquisa propõe também dar visibilidade aos problemas ambientais, locais e regionais, decorrentes do desaparecimento de muitas espécies nativas importantes para as práticas de cura, utilizadas pelos povos indígenas e comunidades tradicionais desta região. O processo de desenvolvimento do Cerrado, proposto pelo agronegócio, é uma ameaça real à sociobiodiversidade desse bioma.

As comunidades tradicionais dessa grande região, sejam indígenas ou camponesas, foram e vêm sendo cercadas pelas monoculturas, tendo seus recursos, internos ou do entorno, degradados, contaminados ou esgotados e, por consequência, tendo seus modos de vida e produção desestabilizados e inviabilizados. O processo de desenvolvimento no Cerrado gera, junto com a erosão genética oriunda da perda de biodiversidade, uma erosão cultural, dos modos de vida e de apropriação. (MAZZETO, 2009, p. 94-98).

#### 1.1.1 – OS CAMINHOS DAS ETNOCIÊNCIAS E DA ETNOCONSERVAÇÃO

Os saberes tradicionais (aqui definido como *etnociências*) e o saber científico apresentam um campo fértil para as possibilidades de comparações, conflitos, divergências de opiniões, interesses, sentimentos e disputas em seus conhecimentos, saberes e ensinamentos.

Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer. Outros protocolos (CUNHA, 2007, p. 78).

A existência de inúmeros povos e conhecimentos tradicionais contrasta com o saber científico universal, fixado em apenas um único regime de conhecimento que intenciona homogeneizar os saberes e conhecimentos tradicionais. Essa pretensão de universalidade da ciência moderna pode ser herança “das ideias medievais de uma ciência cuja missão era revelar o plano divino. Desde o século XVII, ao se instaurar a ciência moderna, ela foi deliberadamente construída como **una**, através de protocolos de pesquisa acordados por uma comunidade” (CUNHA, 2007, p. 78, grifos meus).

Alguns pontos importantes são considerados dentro das relações e dissensões entre saberes tradicional e saber científico: “Eles são diferentes, e mais diferentes do que se imagina. O conhecimento científico e o conhecimento tradicional são incomensuráveis, mas que essa incomensurabilidade não reside primordialmente em seus respectivos resultados” (CUNHA, 2007, p. 78). Nos contrastes apresentados, percebe-se que o conhecimento tradicional (etnociências) atua nos campos perceptuais (qualidades como cheiro, sabores, cores); é a lógica das qualidades sensíveis. Já o conhecimento científico (ciência moderna hegemônica) atua nos campos conceituais; é a lógica dos conceitos.

Nessas ações de confrontar a ciência moderna com as etnociências, é necessário refletir sobre as dimensões institucionais e legais, importantes nas relações sociais, políticas e econômicas. Há inúmeras justificativas tencionando não só desvalorizar, mas se apropriar dos conhecimentos tradicionais em prol da lucratividade das empresas farmacológicas. Esse embasamento pretencioso da ciência moderna de não reconhecer as etnociências ajuda também a não indenizar os povos detentores desses conhecimentos. Por exemplo, a etnomedicina, um dos inúmeros ramos das etnociências, fornece importantes subsídios as grandes empresas farmacológicas, mas seus produtos naturais não são devidamente valorizados. Diante disso, a atividade tradicional não é a verdadeira ou a mais importante. Os argumentos tecnológicos reverenciam mais a tecnologia e a ciência do que os problemas político, jurídico e econômico.

Alguns etnofarmacólogos veem na ciência tradicional (etnociências) uma potência de renovação dos próprios paradigmas de ação das substâncias ativas. Em geral, compreendem os conceitos de medicina tradicional e consideram que suas práticas médicas, em particular, podem ser úteis à gênese de uma verdadeira inovação nos paradigmas de uso e desenvolvimento de medicamentos e tratamentos.

Essa postura é particularmente importante, pois não se trata aqui, como muitos cientistas condescendentemente pensam, de simples validação de resultados tradicionais pela ciência contemporânea, mas do reconhecimento de que os paradigmas e práticas de ciências tradicionais são fontes potenciais de inovação de nossa ciência. Um dos coronários dessa postura é que as ciências tradicionais devem continuar funcionando e pesquisando (CUNHA, 2007, p. 79).

O Brasil, como vários outros países megadiversos, postula junto à Organização Mundial do Comércio – OMC que a origem e a legalidade do acesso aos recursos genéticos e/ou ao conhecimento tradicional sejam um requisito internacional para a aquisição de patentes. Isso deverá ocorrer mediante provas de que o eventual acesso aos recursos genéticos ou ao conhecimento tradicional foi feito de forma legal.

Para defender os direitos intelectuais que resultam de conhecimentos tradicionais, o Brasil tem se destacado no âmbito internacional junto a órgãos da ONU, como a Organização Mundial para Proteção Intelectual – OMPI. Mas, internamente, está dividido, tendo como opositor a que se reconheçam direitos intelectuais aos saberes tradicionais o próprio Ministério de Ciências e Tecnologia (atual gestão, 2019).

Ao afirmar que as populações indígenas e tradicionais (representadas pelos ribeirinhos, caiçaras, seringueiros e extrativistas, por exemplo) estão para o Brasil como o Brasil está para os países do G8 (mais industrializados), criam-se focos importantes de reflexões. Ou seja, protestamos contra a biopirataria, o acesso indevido a recursos genéticos e ao conhecimento tradicional, enquanto as populações tradicionais não percebem grande diferença entre biopirataria por estrangeiros e o que consideram biopirataria genuinamente nacional.

O termo “biopirataria” surgiu a partir de denúncias e preocupação relacionadas à apropriação indevida dos recursos genéticos e de conhecimentos tradicionais por indivíduos ou instituições empresariais, multinacionais e instituições científicas (farmacêutica e cosmética), com interesses escusos, visando à lucratividade particular. O tema é importante para o Brasil, por possui a maior biodiversidade do planeta e está seriamente ameaçada pela própria “biopirataria”, pelo desmatamento, pela poluição atmosférica e contaminação dos recursos hídricos pelos agrotóxicos.

Os pesquisadores Luiz Antonio Xavier e Joaquim Adérito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, apresentam outra conceituação de biopirataria,



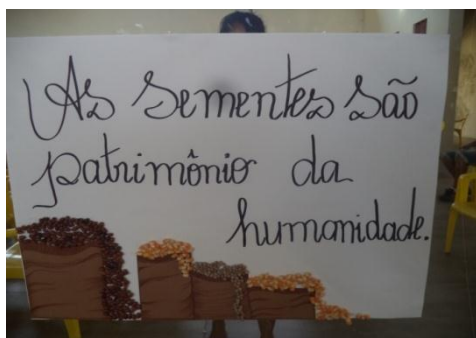
estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Direito do Comércio Internacional, da Tecnologia da Informação e Desenvolvimento – CIITED, que propõe a seguinte definição: biopirataria consiste no ato de aceder a ou transferir recurso genético (animal ou vegetal) e/ou conhecimento tradicional associado à biodiversidade sem a expressa autorização do Estado de onde fora extraído o recurso ou da comunidade tradicional que desenvolveu e manteve determinado conhecimento ao longo dos tempos (prática esta que infringe as disposições vinculantes da Convenção das Organizações das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica). A biopirataria envolve ainda a não repartição justa e equitativa entre Estados, corporações e comunidades tradicionais dos recursos advindos da exploração comercial ou não dos recursos e conhecimentos transferidos.

Na perspectiva de garantia e proteção dos seus conhecimentos, saberes e práticas, as comunidades tradicionais e os povos originários acreditam que, a partir da regulamentação do acesso aos recursos genéticos, os direitos sobre os conhecimentos originários sejam protegidos e que nenhum recurso genético advindo dos saberes tradicionais seja patenteado por indústrias farmacêuticas, cosméticas e instituições científicas brasileiras ou estrangeiras sem o consentimento e conhecimento prévio das comunidades em questão.

Atualmente há uma grande preocupação com o destino das sementes nativas. As grandes corporações invadem espaços com a monocultura, e para as comunidades a monocultura não protege os conhecimentos e nem a biodiversidade. Os povos e comunidades tradicionais fazem uso sustentável da biodiversidade e o conhecimento sustentável é uma ciência com tecnologia própria, herdada por gerações de detentores destes conhecimentos.

A biodiversidade é patrimônio de todos e está previsto em lei que todos dele podem usufruir. É necessário criar com urgência mecanismos que protejam esse patrimônio e o conhecimento sustentável.

**Figuras 1 e 2: Cartazes do II Encontro da Agrobiodiversidade do Semiárido Mineiro, em Araçuaí.**



*Fonte: a autora.*



*Fonte: a autora.*

A legislação atual sobre o acesso a conhecimentos tradicionais associados, patrimônio genético e repartição de benefício explicita que esses conhecimentos são patrimônio cultural nacional. Mas eles não são valorizados e respeitados pela sociedade brasileira. As políticas públicas devem garantir a conservação da biodiversidade e permitir que as comunidades continuem a utilizá-las, perpetuando seus saberes.

Faz-se necessário defender que os direitos morais e patrimoniais das comunidades sobre seus conhecimentos devem ser considerados inalienáveis (não podem ser comercializados), irrenunciáveis (as comunidades não podem deixar de ter esses direitos) e imprescritíveis (perdura para sempre) e reconhecer que os conhecimentos tradicionais são produzidos e transmitidos de maneira diferente dos conhecimentos acadêmico-científicos, constituídos nos espaços universitários, e, portanto, não deve ser tratado de modo igual, mas de maneira adequada ao contexto em que são gerados.

A produção dos conhecimentos tradicionais, na maioria das vezes, ocorre de forma coletiva, e são transmitidos e disseminados oralmente. A proteção dos direitos das comunidades sobre seus conhecimentos requer muita sabedoria. É importante afirmar que “os conhecimentos tradicionais não têm dono, têm herdeiros”.

De acordo com representantes da Articulação Pacari (grupo que reúne pessoas e organizações comunitárias que trabalham com medicina popular e uso da biodiversidade do Cerrado), uma das preocupações está na necessidade de compreender a dinâmica de cada comunidade com relação aos conhecimentos que produzem, antes de

impor uma forma de proteção que possa impactar negativamente a produção e reprodução desses saberes.

A vida humana depende diretamente da biodiversidade, que fornece alimentos, água, medicamentos e boas condições de vida. O reconhecimento do valor social, cultural e, principalmente, econômico da biodiversidade traz frequentes discussões sobre a repartição de seus benefícios.

No entanto, nem sempre o uso da biodiversidade gera apenas vantagens. Em muitos casos, seus recursos servem às sociedades e aos setores da economia sem que as populações que têm contato direto com ela recebam os benefícios gerados pelo seu uso, mas apenas os custos.

O impacto negativo deixado pelo uso insustentável pode acarretar o desaparecimento destes recursos da biodiversidade dos quais as comunidades dependem, gerando outro custo, que é custo da conservação.

Em nome da conservação da biodiversidade, que beneficia o mundo inteiro, algumas comunidades são proibidas de acessar certos recursos e têm que deixar de desenvolver atividades econômicas que realizam há séculos.

Para Edward Parker (WWF, 2010), as comunidades extrativistas são um bom exemplo para ajudar a compreender essa relação complexa. Embora o exemplo das comunidades locais possa ser mais fácil de entender, este se aplica também a outros grupos sociais e mesmo a governos e estados nacionais. Ele pode ser usado para perceber a lógica da questão sobre acesso, uso e repartição dos custos e benefícios da biodiversidade em esfera internacional. No debate internacional, a discussão ocorre em torno dos recursos genéticos, que são os que possuem também valor científico, tecnológico e econômico na medida em que se transformam em medicamentos ou fórmulas patenteadas.

É nesse contexto que entra em cena a Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB, da Organização das Nações Unidas – ONU, que, em seus objetivos, garante a repartição justa e igualitária dos benefícios obtidos com a exploração dos recursos genéticos e do conhecimento de populações tradicionais e indígenas, além da conservação e do uso sustentável da biodiversidade.

A Gestão da Biotecnologia e Distribuição de seus Benefícios encontra-se no artigo 19 da CDB, garantindo que

“Cada parte Contratante deverá adotar todas as medidas possíveis para promover e impulsionar em condições justas e equitativas, o acesso prioritário, em particular os países em desenvolvimento, aos resultados e benefícios derivados das biotecnologias baseadas em recursos genéticos fornecidos por essas Partes Contratantes. Esse acesso deverá processar-se em termos mutuamente acordados” (CDB, 1994).

O Brasil se encontra em uma situação muito especial: se por um lado é um país megadiversificado em recursos genéticos e conhecimentos tradicionais, é também, ao contrário de vários outros países, suficientemente equipado cientificamente para desenvolver e valorizar esses recursos internamente. Em suma, encontra-se em uma posição privilegiada. Mas está perdendo uma oportunidade histórica – a de instaurar um regime de colaboração e intercâmbio respeitoso com suas populações tradicionais (CUNHA, 2007, p.83).

É válido destacar que as tecnologias desenvolvidas foram direcionadas, sobretudo, ao setor agropecuário e ao seu avanço desastroso ao meio ambiente, negando e desconsiderando totalmente as ações concretas e vigentes da etnoconservação ambiental. Na citação de Cunha (2007, p. 83), “Está mais do que na hora, conforme Bertha Becker e Carlos Nobre têm insistido, de se desenvolver uma ciência e tecnologia para a floresta em pé”.

Assim, a valorização dos recursos genéticos e dos conhecimentos tradicionais é uma oportunidade chave dentro dessa proposta. Mas algumas coisas são necessárias, entre elas, encontrar uma forma para o conhecimento científico e o conhecimento tradicional viverem juntos, mesmo sem serem considerados idênticos, mantendo a diferença entre si. Para isso, é necessário encontrar os meios institucionais adequados para garantir a preservação e a vitalidade da produção do conhecimento tradicional, reconhecendo e valorizando suas contribuições para o conhecimento científico. Nesse contexto, é de suma importância a participação das populações que o originaram nos benefícios que podem decorrer de seus conhecimentos.

Sobre a confidencialidade e o monopólio que fazem parte do sistema ocidental contemporâneo de direitos de propriedades intelectual, é importante frisar que, se estendido a todos os regimes de conhecimentos tradicionais, podem causar sérias

distorções. Os sistemas tradicionais têm suas próprias regras de atribuições de conhecimentos, que podem ou não ser coletivos, esotéricos ou exotéricos. Muitas dessas regras frequentemente entram em conflito com exigências de confidencialidade ou de monopólio. Introduzi-las pode ter consequências sérias e o uso e desenvolvimento dos resultados do conhecimento tradicional não podem se dar de forma que o paralise e destrua. “Outras condições podem ser implantadas desde que se abandone o arraigado paternalismo do colonialismo interno e a arrogância da ciência ocidental” (CUNHA, 2007, p. 84). É preciso também encarar as dificuldades de se estabelecer a legalidade e a legitimidade de contratos com populações tradicionais.

Enfim, há muitos obstáculos a transpor, mas “se não soubermos construir novas instituições e relações equitativas com as populações tradicionais e seus saberes, estaremos desprezando uma oportunidade única” (CUNHA, 2007, p. 84).

Esses estudos tiveram como base os conceitos de desenvolvimento e sociedade sustentável, apresentando dois pilares de sustentação: a etnociência e a etnoconservação com dimensões e reconhecimento da sociobiodiversidade e sustentabilidade. Ressaltando que a criação de uma etnociência da conservação foi influenciada pelo surgimento e expansão de vários movimentos socioambientais, preocupados com a conservação e a melhoria das condições de vida da população rural,

No Brasil, essa nova ciência acompanha o surgimento e fortalecimento do Movimento dos Povos Indígenas, dos Seringueiros, dos Quilombolas com propostas concretas de áreas protegidas como as reservas extrativistas. Ao contrário do que prega a biologia da conservação, a *etnoconservação*, como nova teoria e prática conservacionista, não é de domínio exclusivo de determinados cientistas nem do Estado, mas de um movimento que reúne cientistas de diversos campos tanto das ciências naturais quanto das sociais, e por isso é interdisciplinar; é de domínio das comunidades e de várias organizações não governamentais com o intuito de implantar uma conservação real das paisagens, a proteção da diversidade biológica e também sociocultural (DIEGUES, 2014, p. 11-12).

Os procedimentos metodológicos para esse trabalho firmaram-se nas propostas da pesquisa-ação com viés na pesquisa participante. A realização de entrevistas semiestruturadas foram pautadas na pesquisa de campo (*in loco*) com dois praticantes da medicina tradicional: uma raizeira e benzedeira Pankararu da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba (Araçuaí – MG) e um raizeiro e benzedor Aranã da fazenda Alagadiço (Coronel Murta – MG), indicados e reconhecidos por suas respectivas comunidades como os

mais experientes. Foram contemplados também neste trabalho representantes e jovens das duas comunidades que fazem uso da medicina tradicional e uma historiadora indigenista da região. Os dados obtidos relacionados aos conhecimentos tradicionais, as práticas e os processos de curas, ao desaparecimento de plantas do Cerrado e as implicações nos rituais foram organizados e disponibilizados em forma de quadro, mapas, listagem, tabela, catálogo e relatório fotográfico.

Os resultados das análises e reflexões críticas sobre os dados obtidos demonstraram que os processos de cura utilizando as plantas nativas e as práticas ritualísticas sofreram e ainda sofrem graves impactos com o desaparecimento de diversas espécies de plantas medicinais do Cerrado (em área de transição com a Caatinga). Diante dos agravos ambientais, das mudanças climáticas e dos impactos sociais e religiosos sofridos, foram desenvolvidas por esses grupos indígenas novas estratégias para suprir as perdas e garantir as práticas ancestrais utilizadas pelos Pankararu-Pataxó e Aranã. Como exemplo, o Projeto Okha-Kahab: Casa de Saúde, Cura e Harmonia, desenvolvido pela Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba com o objetivo de recuperar, preservar e resgatar as práticas de cura e as plantas medicinais do Cerrado e da Caatinga. Os Aranã da Fazenda Alagadiço desenvolvem atividades de recuperação das últimas nascentes que ainda existem na chapada que circunda seu território.

## **2. METODOLOGIA**

As propostas iniciais desta pesquisa abrangiam quatro comunidades indígenas do norte e nordeste mineiro: os Tuxá, da Aldeia Set'Sô Bragaga, município de Buritizeiro; uma comunidade do povo Xakriabá, município de São João das Missões; os Aranã, da Fazenda Alagadiço, município de Coronel Murta; e os Pankararu-Pataxó, do município de Araçuaí. Porém, no percurso das atividades, percebeu-se que não havia logística nem tempo suficiente para a efetivação dos trabalhos de acordo com o cronograma de atividades. Um dos fatores importantes considerados foi a distância entre essas comunidades.

A falta de transporte, de apoios logísticos não efetivados e outros problemas em comum motivaram a escolha das duas comunidades mais próximas, Pankararu-Pataxó, da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, e Aranã, da Fazenda Alagadiço. Ambas atenderam ao cronograma de atividade da pesquisa.

As atividades e os estudos sobre o problema a ser pesquisado começaram em janeiro de 2018, conforme planejamento e cronograma, fazendo os contatos com as duas comunidades indígenas, estabelecendo vínculo de confiança e parceria.

### **2.1 – PANKARARU-PATAXÓ E ARANÃ: HISTÓRICO, TERRITÓRIO E CULTURA**

Originário do médio São Francisco, Sertão pernambucano, ou Vale do São Francisco, o povo Pankararu, tronco Macro-Jê, teve todo o seu território invadido por colonizadores, senhores de engenho, escravagistas e missões religiosas (ARRUTI, 1996, pp. 11 a 24). A língua não é falada localmente. Alguns membros deste grupo se comunicam em língua Xerente, idioma da família Jê. O povo Pataxó é originário do litoral da Bahia, município de Porto Seguro, porém já reside em Minas Gerais a quase meio século. Do tronco Macro-Jê e família linguística Maxakali, atualmente a língua falada pelos Pataxó é a Patxohã, em fase de revitalização.

Os dois grupos se estabeleceram no nordeste Minas Gerais, formando novas aldeias. Uma delas é conhecida como Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba. De acordo com a indigenista e historiadora regional, Geralda Chaves Soares:

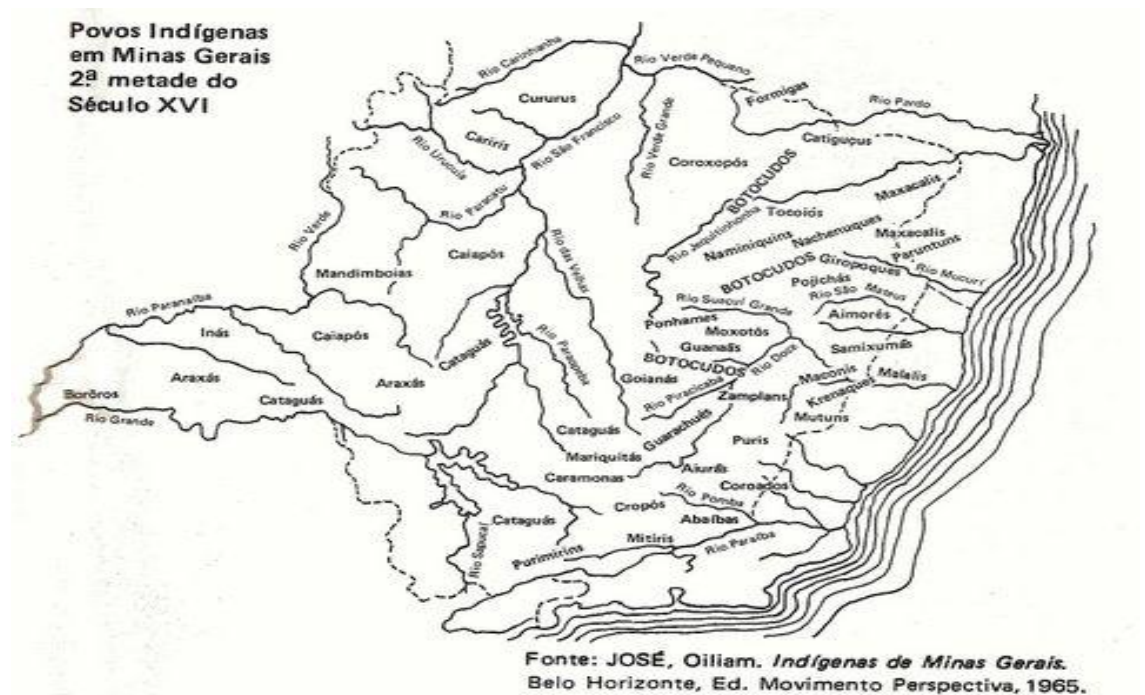
Eles são migrantes. Aqui, os índios eram os Borum, que foram escravizados durante a ocupação do estado. Os Pankararu vieram de Pernambuco e os Pataxó migraram do sul da Bahia. Ambas as etnias saíram em busca de terra e um lugar para melhor viver e dar continuidade às suas culturas. Mas esses povos se encontraram na Fazenda Guarani, em Carmésia, no frio da Serra do Cipó, a cerca de cinco horas de Belo Horizonte. Lá, os filhos começaram a se relacionar entre eles e, então, perceberam que podiam conviver e compartilhar seus saberes. Vieram para cá em 1994, fugindo do frio e com uma proposta de começar uma aldeia diferente, com outras normas e orientações (SOARES, 2015, p. 8).

Os Aranã, tronco Macro-Jê, família linguística Krenak, foram dados como extintos, ressurgindo no final do século XX. A historiografia oficial aponta para a extinção do povo Aranã ainda no século XIX. Contudo, o grupo Aranã contemporâneo remonta sua história a partir de um ancestral – Manoel Índio (também referido como Manoel Caboclo). Ele foi, segundo a memória oral de seus descendentes, um dos indígenas aldeados em Itambacuri, região do Vale do Rio Mucuri, Minas Gerais (CALDEIRA, 2001, p. 19).

Quando os colonizadores, chamados pelos povos originários de invasores, chegaram ao Brasil, o território mineiro era dominado por inúmeros povos indígenas (Fig. 3) como os Maxakali, Poté, Naknenuk, Pojichá e Aranã. Muitos registros informam que a colonização expulsou todos esses povos de seus territórios originários, inclusive os Aranã que dominavam uma vasta extensão territorial nas regiões dos vales do Mucuri e Jequitinhonha. Neste período, muitas nações desapareceram (Fig. 4), como exemplo as Poté, Naknenuk (hoje nome de cidades) e Pojichá.

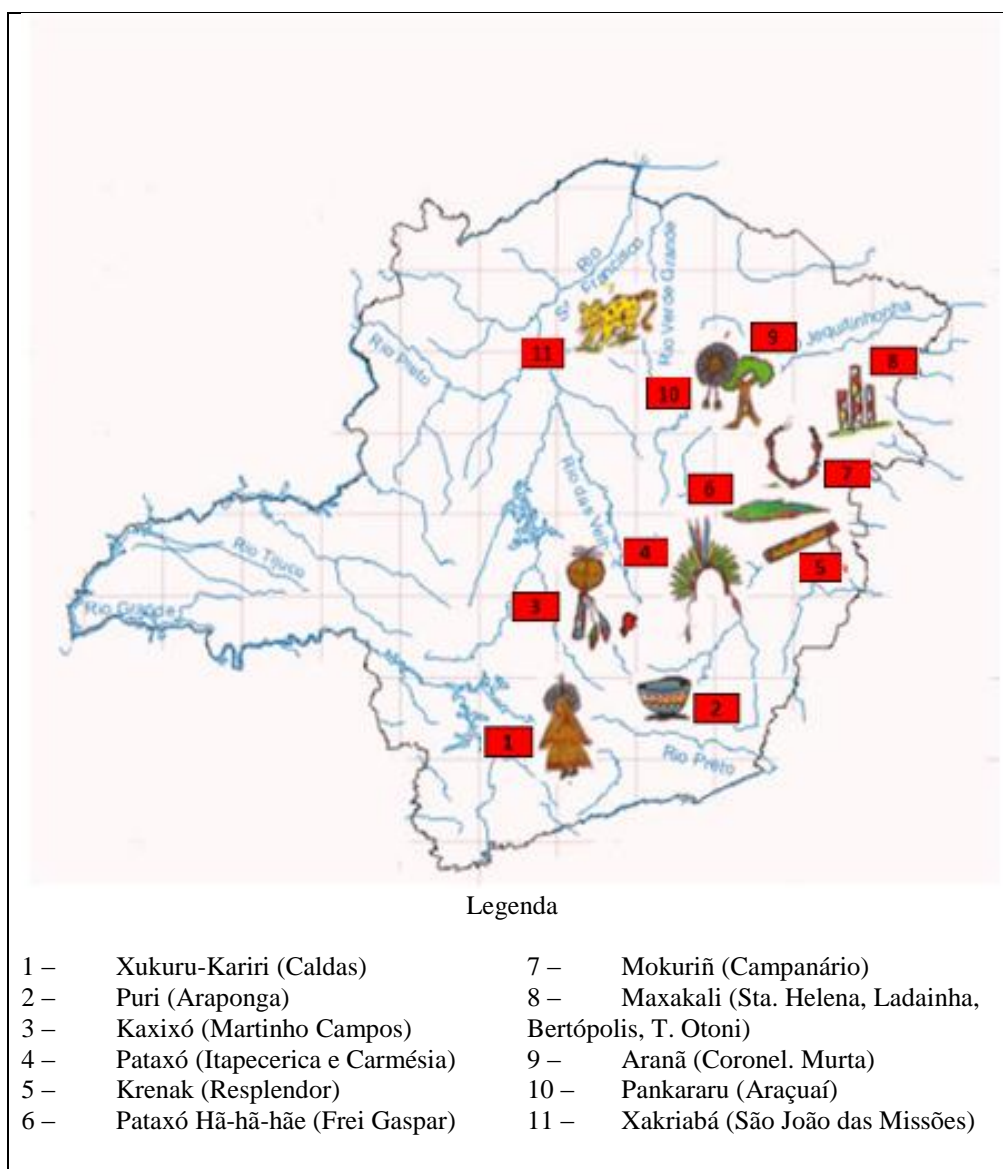


**Figura 3: Povo Indígenas em Minas Gerais – Século XVI**



Fonte: Geralda Chaves Soares (2015).

**Figura 4: Povos Indígenas em Minas Gerais – Século XXI**



Fonte: AIPPA – Associação Indígena Pankararu-Pataxó (2014).

Por mais de um século, os Aranã seguiram o ciclo dos índios desterrados. As famílias se desagregaram e seguiram caminhos opostos. Atualmente estão dispersos em várias regiões de Minas Gerais e de outros estados. A maioria dos descendentes tem o sobrenome “índio” acrescido ao nome e reside na fazenda Alagadiço, anteriormente de propriedade da Diocese de Araçuaí, depois dividida aos seus agregados, dentre os quais as famílias Aranã. Um deles, registrado em cartório com nome de Pedro Inácio Índio de Souza, conhecido também como “Pedro Sangê”, é o pai do atual grupo Aranã. Estima-se o total de 35 famílias, a maioria morando na Fazenda Alagadiço. Atualmente,

O povo Aranã é identificado na região do Vale do Jequitinhonha pelas denominações genéricas "índio" e "caboclo", que constituem o sobrenome e o apelido, respectivamente, das duas famílias que compõem o grupo. A inserção dos Aranã no movimento indígena e sua busca pela identificação étnica é recente, datando do final da década de 1990 (CALDEIRA, 2001, pp. 1-5).

Até o ano de 1994, os Aranã tinham poucas ligações com a história e cultura dos seus antepassados. O convívio com os Pankararu e Pataxó, iniciada nessa época, acendeu a chama de vida do povo. Atualmente, lutam pelo fortalecimento da cultura, preservando os conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais, artesanatos, agricultura de subsistência, a identidade e demarcação de seu território.

### 2.1.2 – OS RAIZEIROS-BENZEDORES E SUAS CIÊNCIAS

O foco principal da presente pesquisa está na discussão sobre os impactos negativos da degradação ambiental e perda da diversidade de plantas medicinais sobre as práticas e processos de curas física e espiritual e nos rituais realizados pelos raizeiros(as), benzedores e também dos pajés das comunidades indígenas da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba.

Inicialmente, para potencializar essa discussão, foram realizadas entrevistas, nos períodos de maio a junho de 2018, onde os entrevistados tiveram a liberdade de não fornecer alguma informação quando não se sentissem à vontade ou não tivessem segurança ou confiança para informar ou responder a pergunta, através de um questionário semiestruturado. O questionário foi aplicado de forma livre, com as perguntas feitas oralmente e as respostas anotadas e gravadas, quando permitido. No questionário de entrevistas não foram colocadas as partes usadas e como se usa a planta, considerando que não se trata de um inventário de uso, e sim de uma discussão sobre os efeitos negativos da degradação ambiental sobre as práticas de cura tanto física quanto espiritual.

O critério utilizado para a escolha dos interlocutores foi baseado no reconhecido trabalho como benzedor, benzedeira, raizeiro ou raizeira. Não houve entrevista com o pajé. No período da pesquisa, o pajé que atende a Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba estava visitando outras aldeias no estado da Bahia. O povo Aranã dessa região não possui pajé. O representante espiritual é o benzedor e raizeiro que atende a comunidade.

A primeira entrevista foi realizada na Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba em junho de 2018, com a raizeira-benzedeira Pankararu, considerada e reconhecida pela comunidade. Ela é vista como uma pessoa especial para a aldeia, que preserva a cultura e a espiritualidade do seu povo (como todos os Pankararu e Pataxó que moram em Minas Gerais, ela também é migrante). Casada, mãe de três filhos e avó de uma neta de um ano de idade, não frequentou a escola por muito tempo, apenas o suficiente para aprender a assinar o nome. Aos oito anos de idade foi obrigada a sair da aldeia para trabalhar em casa de família na cidade e garantir o próprio sustento. Não conheceu o pai. A mãe tinha muitos filhos e não conseguia alimentar a todos. Casou-se muito jovem e retornou à aldeia para cumprir uma promessa que fez aos Encantados (Praiá). Daí seguiu com o ofício de benzedeira, atendendo a todos que a procurava em busca de tratamento de saúde e outras situações.

Informou que desde criança era muito observadora e sentia que o seu dom estava voltado aos acontecimentos religiosos e culturais. Aprendeu muitas orações e benzimentos. Hoje, já entrando para a terceira idade, com meio século de vida, conhece várias ervas medicinais e muitos segredos dos ancestrais. O aprendizado veio dos avós e da mãe, que lhe ensinou e passou as responsabilidades de benzedeira. Conta, com muito orgulho, que encontrou e casou-se com a pessoa certa para sua vida, que a salvou das humilhações, agressões e de todo tipo de sofrimento que era submetida nas casas dos “brancos”, onde trabalhava por um prato de alimento. Hoje vive muito contente, produz seu próprio alimento, faz horta, coleta plantas com seu esposo, seus filhos e a neta, que é a razão de toda felicidade, afirma sorridente.

O segundo entrevistado foi o raizeiro e benzedor do povo Aranã, residente na Fazenda Alagadiço, considerado o principal conhecedor das práticas de benzimentos da região. Atende não só os indígenas, como outras pessoas das áreas circunvizinhas. Como referência principal de benzimento, esse interlocutor afirma: “todas as plantas servem para algum problema. É só conhecer e ter o dom dado por Deus”. Casado, pai de muitos filhos, tem netos e bisnetos. É artesão e usa como matéria-prima, a pele de animais para fazer vários tipos de objetos de uso domiciliar. Trabalha também com cipós, produzindo artesanatos, e o que mais gosta de fazer é coletar plantas utilizadas nas suas “garrafadas”.

Aos setenta anos de idade, ele ainda realiza tarefas importantes em sua comunidade. Dentre suas atividades do cotidiano, uma delas é a produção de uma bebida conhecida como “Xamego” usando uma variedade de hibiscos (Vinagreira), considerada sagrada para o povo Aranã. Aprendeu a rezar com o pai, que era o líder espiritual dessa comunidade. Desde criança já gostava de participar das orações com os mais idosos. Nascido e criado na Fazenda Campo (propriedade de políticos da região que possuíam vários agregados, dentre os quais indígenas e quilombolas), conheceu muitas plantas nativas, pois acompanhava seu pai nas caminhadas pela chapada e outros ambientes do Cerrado. Agricultor familiar, semialfabetizado, atualmente está aposentado, mas ainda se envolve em tarefas relacionadas à roça, horta e quintais.

É importante ressaltar que as respostas dos dois interlocutores foram semelhantes. Demonstraram preocupação quanto à dificuldade na aquisição de algumas plantas necessárias às suas atividades diárias. A noção das causas e consequências da degradação ambiental na região é bem nítida. Os cuidados com a saúde utilizando as práticas tradicionais continuam e, mesmo com a falta de algumas ervas, as pessoas são atendidas: “usamos o que temos”, afirma a benzedeira Pankararu.

O surgimento de novas doenças, como o diabetes e a depressão, provocou um desequilíbrio nas atividades dos benzedores e raizeiros. Isto exigiu, desses, maior desempenho nas suas atribuições, conforme o depoimento do benzedor Aranã: “São doenças que conhecemos pouco, não depende só de nós, e sim do doente também. Nós fazemos a nossa parte, mas eles não...”. Informou ainda que as plantas mais usadas são de responsabilidade do curador, rezador, raizeiro ou pajé. Eles devem manter os cuidados de preservação, conservação e reprodução para garantir a existência da planta em seu habitat ou fora dele. Algumas plantas são cultivadas nos quintais, hortas e próximas à residência, porém outras são adquiridas em diversas regiões e estados, variando de 200 a 1500 km de distância, o que configura uma das dificuldades desses praticantes da medicina tradicional.

Nos relatos, informaram que muitas plantas já não são vistas há muito tempo. Algumas há cinco, outras há dez ou mais anos: “Tem jovem e criança daqui que não conhece um pé de arará”. Culpam os “brancos ricos”, empresários, empresas, o “índio que virou branco” e o governo pelo atual problema com os vegetais e os animais que compromete a vida dos seres vivos.

Mesmo diante dos graves impactos que acometem a vida dos raizeiros, benzedores, curandeiros, parteiras e pajés, que têm no Cerrado e na Caatinga dessa região a fonte sagrada dos saberes, estes não deixam de contribuir com dignidade no atendimento à saúde das pessoas, usando seus conhecimentos e práticas de cura. Alguns sentimentos, como tristeza, raiva e revolta são aflorados. A tristeza pela degradação das nascentes, poluição dos rios, desmatamentos e a falta de respeito pelos conhecimentos tradicionais.

A revolta e a raiva não são consideradas, porque nessas condições acredita-se que o espírito de luta dos ancestrais é enfraquecido. Considera-se, portanto, que há outros fatores relevantes que conduzem a luta pela defesa do meio ambiente, garantindo o poder de praticar seus atendimentos com as garrafadas, benzimentos, chás e xaropes e, principalmente, defendendo o uso das ciências dos seus ancestrais.

#### *2.1.2.1 – Os Encantados e os Praiás*

O povo Pankararu, apesar das perdas culturais sofridas nesses cinco séculos de contato com outras crenças, outras formas de organizar, de pensar e de ser, ainda mantém fortes alguns elementos essenciais para a existência do povo. Os Encantados e os Praiás são os principais elos identitários dos Pankararu.

Os Encantados são representantes centrais da cosmologia Pankararu. São “índios vivos que se encantaram” por algum motivo, de forma voluntária ou involuntária. Ocupam espaços sagrados, invisíveis aos olhos comuns. Habitam as serras, grutas, matas e principalmente as nascentes e as cachoeiras. Caminham flutuando “um palmo acima do solo”. Como, para os Pankararu, os Encantados não estão mortos, o culto a eles é diferente do culto aos mortos, pois, ainda segundo a crença desse povo, eles possuem “sangue real”, ou seja, “sangue vivo”. A forma dos encantamentos é envolta em mistérios e segredos que não podem ser revelados a qualquer um.

Em sonho, os Encantados solicitam uma vestimenta, confeccionada de fibra de caroá ou croá (planta da família das bromeliáceas). Essa vestimenta, composta de saia, máscara, penacho e um acessório chamado de cinta, serve para encobrir a personalidade do índio que a veste sob determinadas prescrições, configurando-se no “Praiá”, que é a

materialização do próprio Encantado. O Praiá é a conjunção em ato do Encantado, do dançador e da roupa e máscara de croá (RIBEIRO, 1992).

### **2.3 – CARACTERIZAÇÃO DOS AMBIENTES DE COLETAS DE PLANTAS MEDICINAIS NATIVAS**

Nesta pesquisa não foi utilizada a nomenclatura científica para o reconhecimento e identificação da diversidade de plantas citadas, apenas os nomes populares utilizados pelos raizeiros, benzedores e pajés da comunidade local e da região.

As caminhadas transversais para os levantamentos de plantas utilizadas para fins medicinais ocorreram no entorno das duas comunidades, nas proximidades das residências, hortas, quintais, roçados e às margens do rio Jequitinhonha – no caso da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba. No território Aranã, o reconhecimento de algumas plantas medicinais se deu na Chapada Diocesana e em uma fazenda onde os raizeiros e benzedores Aranã coletam as plantas.

É importante ressaltar que as caminhadas transversais são exercícios ou atividades de coleta de informações, de observação de campo em um determinado percurso ou rota, tendo como assessoria um informante local para identificar os problemas, as alterações e as possibilidades do ambiente, como solo, fauna e flora. O trajeto poderá ter duração de duas a três horas de caminhada.

Observou-se que, no ecossistema local, foram reconhecidas diferentes formações vegetacionais, áreas de coleta de plantas amplamente utilizadas na medicina tradicional pelos raizeiros, raizeiras, parteiras e pajés dos povos e comunidades tradicionais da região e migrantes.

As áreas são reconhecidas como:

- Chapadas, destacando o “alto” ou o “cerrado”, constituindo áreas planas, solos pobres e bem drenados: apesar da ação antrópica bem acentuada na região, ainda podem ser encontradas espécies nativas, como pau-terra, frutíferas como pequi e murici, e espécies medicinais, como alecrim-de-vassoura e mangaba.
- Áreas de caatinga (mata seca), que apresentam uma vegetação espinhosa, extremamente decídua na seca (julho a outubro). Nas

formações mais abertas, destaca-se a presença de cactáceas, utilizadas na medicina local, como a três-marias ou juazim e mandacaru.

- Caatinga arbórea, que destaca a presença de vegetação de maior porte, uma diversidade de cipós lenhosos ou maleáveis (transição Cerrado–Caatinga). Nesse ambiente, encontram-se áreas de rochas expostas chamadas de “pedreiras”, formadas por curso d’água intermitente das enxurradas de verão (FONTES, *et al.*, 1999). As espécies predominantes são o imbaré, o tamboril e as medicinais, como umburana-de-cheiro, algodãozinho ou algodão-do-cerrado e cipó-escada-de-macaco.
- Outra formação vegetal muito importante nessa região são as matas semidecíduais, ocorrendo em áreas mais úmidas, próximas aos “paredões” ou “grotões” da chapada, formando um corredor verde onde se encontram três das nove nascentes que ali existiam. As matas decíduais que surgem em solos mais favoráveis, ou na transição entre as semidecíduais e a Caatinga (onde se confundem), formam fragmentos esparsos, ocupando pequenas porções na paisagem, que abrigam importantes espécies arbóreas e medicinais, como a amescla, o angico, o jatobá e o jequitibá. (FONTES, *et al.*, 1999).
- Rio Jequitinhonha, suas margens e ilhas são visitadas constantemente para coleta de plantas e por representar uma relação histórico-afetiva e cultural. Trata-se de um ambiente de águas importante para os povos e comunidades tradicionais da região do Vale Jequitinhonha.

À margem esquerda do rio Jequitinhonha percebe-se a preponderância de vegetação espinhosa, de folhas pequenas, onde espécies florestais alternam-se com outras arbustivas. Área de vegetação nativa onde o juazeiro, aroeira, pau-d’arco, umburana e tamboril dão lugar a áreas devastadas e com predomínio de pastagens. Solos claros alternam-se com outros vermelhos, amarelados e escuros. Na planície do antigo leito maior do rio Jequitinhonha circundam áreas levemente “amorradas”, onde se verifica rochas de várias origens.

A região do Médio Jequitinhonha apresenta uma diversidade de ambientes que acolhe as mais diversas ervas e plantas medicinais: chapada, capão, tabuleiro, carrasco,



caatinga, brejo, campo. “Lembrando que Campo em uma região não é a mesma em outra. Observações são feitas nos tipos de solos, umidade, declividade. São desafios consideráveis para a compreensão da diversidade ambiental do Cerrado” (DIAS e LAUREANO, 2010, p. 51 a 52).

Através da entrevista, verificou-se as seguintes questões:

- a) As plantas mais utilizadas e onde encontrá-las;
- b) As plantas que não são mais encontradas, que não são vistas há mais de cinco ou dez anos;
- c) O nível de dificuldade para encontrá-las nos locais de ocorrência;
- d) A relação dos benzedores, raizeiros, curandeiros e pajés com as plantas medicinais;
- e) A percepção da degradação ambiental pelas comunidades;
- f) O cuidado com a saúde e com a qualidade de vida diante das perdas da biodiversidade;
- g) As estratégias para garantir as práticas de cura através das plantas medicinais, conforme os conhecimentos dos ancestrais;
- h) A convivência com o surgimento de novas doenças, por exemplo, diabetes e depressão;
- i) A importância das plantas medicinais para as comunidades e povos tradicionais;
- j) Os sentimentos de tristeza, raiva ou revolta diante dos graves impactos que atingem os seres vivos, seja animal ou vegetal;
- k) O poder das práticas e do uso de garrafadas, benzimentos, chás, xaropes, dentre outros, utilizadas pelos raizeiros, benzedores, curandeiro e pajés.

Neste contexto, ressalta-se a importância da Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas – PNGATI, que oferta instrumentos como o etnomapeamento, o etnozoneamento e o diagnóstico participativo (PNGATI – Decreto nº 7747, Cap. I, Art. 2º) de caráter dinâmico, com ênfase na valorização do patrimônio material e imaterial dos povos indígenas brasileiros.

A partir de um diagnóstico participativo são realizados levantamentos e análises de informações dos territórios indígenas a partir do diálogo intercultural, considerando o contexto histórico, político, sociocultural, econômico e ambiental dos povos.

De acordo com o Capítulo I, Art. 2º, parágrafo único da PNGATI, são ferramentas para a gestão territorial e ambiental de terras indígenas o etnomapeamento e o etnozoneamento, consideram-se:

I – Etnomapeamento: mapeamento participativo das áreas de relevância ambiental, sociocultural e produtiva para os povos indígenas, com base nos conhecimentos e saberes indígenas.

II – Etnozoneamento: instrumento de planejamento participativo que visa à categorização de áreas de relevância ambiental, sociocultural e produtiva para os povos indígenas, desenvolvido a partir do etnomapeamento.

São instrumentos importantes que fornecem subsídios a partir da produção e uso de mapas temáticos descrevendo os espaços de plantio, vegetação, caça, pesca, hidrografia, extrativismo, invasão, entre outros.

Citando Correia (2007), “O uso de mapas é considerado como instrumentos de saber-poder essencial para a gestão dos territórios indígenas, como garantia da sustentabilidade e da ideologia do desenvolvimento sustentável”. Nessa perspectiva, encontram-se as propostas de trabalho das comunidades indígenas Pankararu-Pataxó, da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, e Aranã, da Fazenda Alagadiço, no Vale do Jequitinhonha– MG.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados da presente pesquisa apresentaram alguns aspectos importantes em relação à vida social, à preservação cultural e tradições e aos conhecimentos ancestrais sobre a medicina tradicional, suas práticas e processos de curas dos povos do nordeste de Minas Gerais.

#### **3.1 – AS PRÁTICAS DA MEDICINA TRADICIONAL NAS COMUNIDADES PANKARARU-PATAXÓ E ARANÃ DO MÉDIO JEQUITINHONHA**

Os especialistas Pankararu têm uma rica farmacopeia para a cura das doenças, chamada de “remédio do mato”. O conhecimento das plantas medicinais, seu tratamento, sua indicação e seu uso concentram-se nas mãos desses especialistas, que são os únicos a preparar as garrafadas<sup>2</sup> e os lambedouros<sup>3</sup> e outros compostos de diversas espécies de plantas destinadas à cura das doenças (MURA, 2013, p. 233).

As comunidades que habitam essa área de transição Cerrado–Caatinga, aqui representadas pelos Pankararu-Pataxó e Aranã, indicam diversas origens para as plantas medicinais. Elas podem ser cultivadas nos quintais, hortas, roçados ou coletadas no ambiente (Figuras 6 e 7) ou adquiridas através de trocas ou compras. As plantas nativas são coletadas em áreas preservadas destinadas a essa finalidade. “As famílias armazenam nos espaços domésticos as principais plantas necessárias à cura de doenças leves ou passageiras” (MURA, 2013, p. 233).

O uso das práticas ancestrais visando à sustentabilidade dos povos e das terras indígenas considera aspectos políticos, socioculturais, econômicos e, principalmente, ambientais, no sentido de atender às necessidades do presente sem comprometer as necessidades das futuras gerações.

**Figura 5: Etnozoneamento – desenho da área de uso sustentável no entorno de residência Aranã**



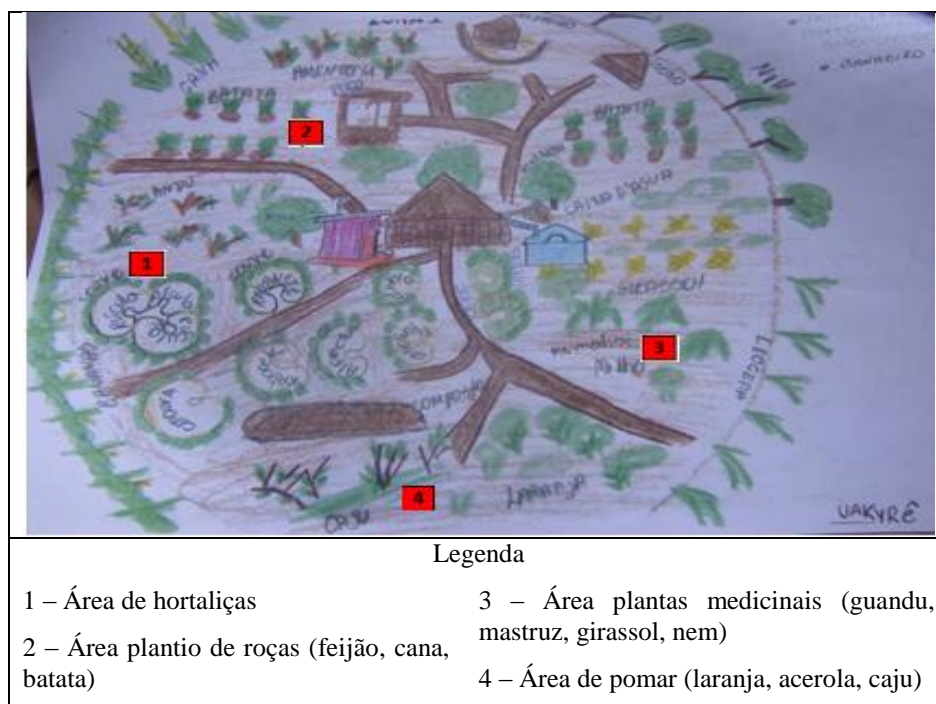
Fonte: Arquivo Comunidade Aranã, (2011)

As áreas de uso sustentável utilizadas pelo povo Aranã da Fazenda Alagadiço, apresentam diferentes características onde se localizam suas moradias. As áreas de plantio de roças (**área 1**, distância da residência de 50 a 200 metros), onde são cultivados milho, feijão, mandioca, dentre outros alimentos, são áreas mais úmidas, que geralmente possuem solo favorável. Próximas aos “paredões” são áreas conhecidas como “pé” de chapadas.

As áreas de coleta de plantas nativas (**área 2**, distância da residência de 100 a 500 metros) são áreas de “encosta” da Chapada. Apresenta diferentes fisionomias na transição Cerrado–Caatinga: mata-seca, “piçarrão”, “cerradão”, “grotão” e campo-aberto.

O desenho representando o etnozoneamento (Figura 5) foi produzido por representantes do povo indígena Aranã da Fazenda Alagadiço, em 2011, por ocasião de uma atividade realizada sobre a preservação das nascentes que fornecem água para uso coletivo da comunidade e o uso sustentável das plantas medicinais da Chapada.

**Figura 6: Etnozoneamento – desenho da área de uso sustentável no entorno de residência Pankararu-Pataxó**



Fonte: Projeto Okha-Kahab: Casa de Saúde, Cura e Harmonia (2016).

As áreas de uso sustentável utilizadas pelo povo Pankararu-Pataxó da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba estão próximas ao rio Jequitinhonha, onde se localizam suas moradias. Observa-se também, em alguns espaços, que há solos férteis e, em outros, presença de pedregulhos ou pedras conhecidas como “carrasco”.

As áreas de cultivos são propostas do Projeto Okha-Kahab: Casa de Saúde, Cura e Harmonia com o objetivo de recuperar áreas degradadas, preservar e conservar a pouca vegetação nativa de Cerrado e Caatinga ainda existente na região do Médio Jequitinhonha.

A área de hortaliças (**área 1**, distância da residência de 50 a 100 metros) destina-se ao cultivo de rúcula, alface, coentro, cebolinha e outros. A área de plantio de roça (**área 2**, distância da residência de 50 a 100 metros) é onde são cultivados feijão, cana, bata-doce e mandioca, dentre outros alimentos. A área de plantas medicinais (**área 3**, distância da residência de 50 a 500 metros) destina-se ao cultivo de mastruz, girassol, nem, guandu, dentre outras plantas utilizadas na medicina tradicional. A área de pomar (**área 4**, distância da residência de 50 a 500m), cultivo de laranja, acerola, caju, manga e outras frutas importantes para a comunidade.

O desenho (Figura 6) representando o etnozoneamento foi produzido por representantes do povo Pankararu-Pataxó por ocasião de atividades realizadas em 2016, na Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, pelo projeto Okha-Kahab: Casa de Saúde, Cura e Harmonia sobre a recuperação de plantas medicinais do Cerrado e da Caatinga, preservação do meio ambiente, práticas de agroecologia e permacultura.

Os estudos demonstraram que as plantas ou ervas medicinais podem ser divididas de acordo com seu uso, indicação ou recomendação. Foram consideradas neste trabalho as plantas ou ervas nativas, adaptadas ou cultivadas, como plantas espontâneas, plantas de benzimentos, plantas ritualísticas, plantas de uso feminino, plantas de uso masculino, plantas de uso infantil ou recém-nascido, plantas de equilíbrio emocional, plantas para uso de animais domésticos e as árvores frutíferas usadas como remédio para tratamento de diversas enfermidades.

### 3.1.1 – PLANTAS ESPONTÂNEAS

Houve relatos de farta variedade de ervas espontâneas nas práticas da medicina tradicional, muitas já não são encontradas nos quintais e terreiros das moradias onde eram facilmente colhidas. Atribui-se esse fato às mudanças climáticas: o aumento da temperatura, escassez de chuvas e destruição das chapadas, dos boqueirões, das nascentes. “De um tempo desses para cá, não estamos encontrando mais as ervas como antes. É porque a chuva atrasa, mudou o tempo”, relato da benzedeira e raizeira Pankararu.

Outros relatos vinculados à ausência de chuvas, “dentre os sinais da degradação, o do *escasseamento* da água se revelou como situação-limite”. Ainda sobre o problema, os depoimentos dos Geraizeiros – populações tradicionais dessas regiões – são relevantes para entender o desequilíbrio climático. Afirmam que “hoje, mesmo com muita chuva, tem o rio que corta em abril ou maio, tal o *desequilíbrio* da natureza. No passado, tinha seca e não tinha falta de água. Hoje pode ter chuva e não tem água. Foi devorada a caixa d’água do Cerrado” (NOGUEIRA, 2017, pp. 87-88).

Para os benzedores, raizeiros, raizeiras e pajés, tudo na vida dos seres está em equilíbrio, tudo está conectado em forma de uma teia de aranha. A ausência de algumas plantas faz falta, pois sem elas há uma ruptura da teia alimentar que nutre o físico e o

espiritual. Nossos ancestrais sempre se serviram dos bens naturais em suas curas e bem-estar (ZURLO e BRANDÃO, 1989, pp. 19-55). “O bom alimento fortalece a alma”, finaliza a benzedeira Pankararu.

Ervas de horta e ervas do “mato”, as comestíveis e as que se usa para chás podem também ser usadas em quantidades pequenas para sopas, ensopados, mexidos, farofas e outra iguarias, conforme a cultura e modo de fazer de cada povo. São folhas nutritivas e curativas. Utilizam-se os sucos de ervas para tratamento e nutrição (COMUNE, 1986, p. 19-20).

**Quadro 1: Plantas espontâneas**

NOME POPULAR	USO MEDICINAL/ INDICAÇÃO
<b>Beldroega</b>	Rica em proteínas, vitaminas A, B e C, cálcio, fósforo e ferro. É usada como depurativa, diurética e vermífuga
<b>Capeba</b>	Diurético, desopilante do fígado
<b>Carurus</b>	Combate a anemia e a desnutrição
<b>Dente-de-leão</b>	Tônico, combate a febre, depurativo, antidiarreico, anti-hemorrágico e diurético
<b>Joá-manso</b>	Usada como diurético e para inflamação dos olhos
<b>Jurubeba</b>	Desintoxicante do fígado, inapetência, tônico
<b>Lágrima-de-nossa-senhora</b>	Usada como diurético, para pressão alta e como amuleto de proteção (físico e espiritual)
<b>Lírio-do-brejo</b>	Tratamento da gripe, bronquite, antirreumático, cardiotônico, aumenta a imunidade. Oferenda para os seres protetores espirituais
<b>Mastruço</b>	Tratamento de verminose, febre, cataplasma para luxação muscular e ossos, problema

	estomacal, banhos e benzimentos
<b>Melão-de-São-Caetano</b>	Usado para febre, problemas de pele, como escabiose, banhos para parturiente
<b>Mostarda</b>	Problemas urinários, anti-inflamatório
<b>Ora-pro-nóbis</b>	Expectorantes, laxativo
<b>Serralha</b>	Fortificante, laxativo e depurativo. Para problemas do estômago, problemas do fígado
<b>Tanchagem</b>	Para infecções de garganta, vias urinárias, é cicatrizante, anti-inflamatório, expectorante
<b>Tiririca amarela</b>	Desnutrição
<b>Tomatinho</b>	Laxativo, tratamento de calos, abscessos
<b>Trapoeraba</b>	Problema urinário, cistite, uretrite, laxativo, dores reumáticas, acalmar coceiras, escabiose
<b>Urtiga</b>	Usada como diurético e para paralisia
<b>Urtiga-branca</b>	Usada para tratamento de artrite, artrose, anemia, diabetes, depurativo, benzimentos. Sagrada para os Pankararu
<b>Vinagreira</b>	Usado como diurético e tônico, para males do estômago, emoliente, febrífugo. É muito importante para o povo Aranã, pois dela faz-se uma bebida muito apreciada pelo grupo: o Xamego

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

### 3.1.2 – PLANTAS DE USO FEMININO

Nas comunidades indígenas, normalmente são as parteiras (uma anciã) que têm muitos conhecimentos sobre plantas que atuam para atender a saúde da mulher. São elas que acompanham as gestantes, possuem conhecimentos sobre as técnicas do parto e a



preparação das ervas medicinais utilizadas para essa finalidade. Atualmente o ofício de parteira está desaparecendo por falta de interesse das novas gerações e, sobretudo, porque algumas ervas medicinais necessárias ao atendimento à parturiente não são mais encontradas com facilidade.

Assim como no caso do trabalho desempenhado pelos pajés, cabe destacar que o trabalho das parteiras não é um paliativo das comunidades indígenas para suprir a carência de uma rede médico-hospitalar. Pelo contrário, elas são alternativas eficientes e qualificadas a essa rede que, de modo geral, atende às necessidades da população indígena tanto quanto às não indígena, operando por meios não invasivos e não farmacológicos, utilizando plantas para massagens e técnicas de relaxamento (Trecho de texto da Conferência Local de Saúde Indígena, 2013).

## Quadro 2: Plantas usadas na saúde da mulher

NOME POPULAR	INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO
Anchota ou enxota	Problemas do aparelho reprodutor, pós-parto
Artimijo ou Artemísia	Usada no pós-parto, anti-inflamatório, regulador da menstruação
Barbatimão	No tratamento de DST, cicatrizante
Crista-de-galo	No tratamento de DST, cicatrizante e anti-inflamatório das vias genitais
Mentrasto	Cólicas menstruais, anti-inflamatório uterino
Tiborna	Aumenta a fertilidade

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

As plantas mais usadas para tratamento da mulher são cuidadosamente replicadas pelas raizeiras-parteiras, que as mantêm ao seu alcance, cultivando-as em vasos ou em outros recipientes, principalmente a anchota (ou enxota) e a artemísia (ou artimijo), que são plantas de fácil reprodução e manejo. Já o barbatimão e a tiborna nascem em ambiente de Chapada, área de cerrado mestiço ou misto, sofrendo os

impactos produzidos pelos incêndios criminosos e os desmatamentos desses ambientes, dificultando, assim, a coleta pelas raizeiras-parteiras. As plantas conhecidas como crista-de-galo, e principalmente o mentrasto, que encontram ambientes mais propícios às margens do rio Jequitinhonha, também são devastadas pela lama da Hidrelétrica de Irapé, que, ao liberar grande volume de água, cobre todo ambiente dessas plantas. Ao esvaziar, a margem do rio fica totalmente coberta de lama, tornando impossível a coleta e o manejo para uso das parteiras.

### 3.1.3 – PLANTAS DE USO MASCULINO

Os raizeiros e benzedores são constantemente procurados por homens com problemas de saúde. A maioria informa problemas de próstata, vias urinárias e impotência sexual.

#### Quadro 3: Plantas usadas na saúde do homem

NOME POPULAR	INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO
Catuaba	Energético
Cipó-de-São-João	Inflamação das vias urinárias
Jurubebinha-do-campo	Fortificante
Nó-de-cachorro	Impotência sexual

Fonte: Pesquisa de campo (2018)

A catuaba, o cipó-São-João e o nó-de-cachorro são plantas coletadas, preparadas e armazenadas para usos posteriores conforme a necessidade e as atividades dos raizeiros. Essas plantas geralmente são encontradas em ambientes chamados “cinturão de pedras”, localizados nas encostas de morros ou baixada com terreno úmido, solo de cor que varia de branco-amarelado e o marrom-escuro, composto de pedra e pedregulhos na superfície. A jurubebinha-do-campo é coletada pelo raizeiro conforme a

época certa, quando pode ser preparada como remédio. Pode ser encontrada em ambientes chamados de campo aberto, cerrado ou “baixão”. São ambientes ensolarados, com pouca planta e predominância de capim nativo. O solo pode ser arenoso, com pedra ou lajedo. Atualmente essas plantas medicinais e seus ambientes estão vulneráveis aos impactos causados pelas monoculturas e pela ação das empresas mineradoras. As plantas que apresentam maior grau de dificuldade para ser encontradas nos ambientes desta região são a catuaba, o cipó-de-São-João e o nó-de-cachorro.

### 3.1.4 – PLANTAS DE USO INFANTIL E RECÉM-NASCIDO

As crianças ainda são maioria nas comunidades indígenas. Os cuidados são especiais quando se trata da saúde infantil. As práticas de benzimentos e rituais são constantes para que elas cresçam saudáveis e sejam adultos fortes e guerreiros de suas comunidades.

Nos casos em que a doença atinge uma criança, o especialista<sup>1</sup> pode fazer recair a culpa no comportamento dos familiares da vítima, acusando-os de terem violado resguardos ou preceitos morais. Caso saiba da ocorrência de dificuldade na integração da criança por parte dos familiares ou de comportamentos agressivos contra ela, avisa-os e orienta-os a fim de restabelecer uma relação afetiva harmônica (MURA, 2013, p. 234).

**Quadro 4: Plantas usadas na saúde das crianças**

NOME POPULAR	INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO
Alecrim	Cólicas, agitação
Alevante	Gases, dores abdominais
Alfazema	Agitação
Cidreira-do-campo	Cólicas, gases, agitação
Erva-doce	Calmante, gases
Hortelãzinha	Calmante, gases
Poejo	Dores, gases

Ruibarbo	Usado no período de dentição
Sapê	Ritual de dentição

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Todas as plantas de uso infantil são cultivadas, preparadas e armazenadas para uso no cotidiano da comunidade. São plantas de horta de fácil manejo, presentes em todas as residências, principalmente onde há gestantes. Antes do nascimento do filho, as mães já começam a cultivar e a preparar plantas como o alecrim, alevante, alfazema, cidreira-do-campo, erva-doce, hortelãzinha e poejo, que serão usadas pelo recém-nascido nos próximos meses. Já o ruibarbo e o sapê são plantas que merecem uma atenção especial, por se tratar de uso em momentos específicos da vida da criança, relacionados aos rituais no período da dentição.

Porém, nos últimos anos, os rituais de nascimentos e dentição que eram praticados normalmente pelos Pankararu-Pataxó da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba foram bem reduzidos. Acredita-se que os motivos estão relacionados tanto à presença de outras religiões como à falta das plantas necessárias para a prática dos rituais (Tabela 1).

**Tabela 1: Registro do nº de nascimentos e nº de rituais na ACVJ**

ANO	Nº NASCIMENTOS	Nº RITUAIS	
		Nascimento	Dentição
2018	1	0	1
2015	1	1	1
2013	3	0	0
2012	2	0	0
2011	2	0	2
TOTAL	9	1	4

Fonte: PSI – Polo de Saúde Indígena de Araçuaí (2018).

O ritual de nascimento consiste na preparação da mãe e do ambiente para receber a criança. Ao iniciar o trabalho de parto, a mãe é submetida a banhos mornos contendo uma diversidade de ervas aromática, calmante e, caso seja necessário, usa-se as ervas para acelerar as contrações e facilitar o parto. Durante os banhos são feitas massagens, defumações e sacudimentos. Após o nascimento, a criança fica semirreclusa. Algumas plantas, como arruda, tipi, quebra-demanda, alecrim e fedegoso são colocadas em torno do leito onde se encontram mãe e filho. A parteira ou o pajé prepara uma bebida à base de plantas medicinais, como artemísia, anchota, losna e pimenta-do-reino, que será oferecida a parturiente e aos visitantes. Nos benzimentos realizados pelo pajé, utiliza-se um cachimbo circular com tabaco e outras ervas. O nascimento é um evento festivo. Toda a comunidade se mobiliza para festejar a chegada de mais um membro, realizando danças e cantos, oferecendo bebidas e comidas para todos.

O próximo ritual é o da dentição, que consiste em fazer algumas práticas e aplicação de algumas ervas, raízes ou folhas nas gengivas da criança para que os dentes nasçam saudáveis. Acredita-se que quando os dentes estão para nascer, a criança recebe uma carga muito forte de energias do ar, podendo causar problemas de saúde e atrapalhar a dentição. Ao perceber que a criança está prestes a nascer os primeiros dentinhos, logo é feito um adereço ou amuleto com o broto da planta do **sapé**. Pendura-se esse amuleto no pescoço da criança, ou amarrado no pulso, tomando todos os cuidados para não o perder. Quando os dentes já estiverem apontando, usa-se a planta medicinal conhecida como **ruibarbo** para massagear as gengivas da criança. Durante o ritual, ninguém pode admirar ou elogiar os dentes da criança. Caso isso aconteça, essa criança pode perder todos os dentes, ou seja, os dentes apodrecem e caem.

### 3.1.5 – PLANTAS DE USO EM ANIMAIS DOMÉSTICOS

Os animais, seja ele domesticado ou não, fazem parte da vida família das comunidades Pankararu-Pataxó e Aranã. O raizeiro, raizeira, benzedor ou pajé são requisitados quando algum animal precisa de ajuda. O profundo conhecimento sobre o valor de cura da maioria das plantas capacita o raizeiro ou benzedor a indicar a planta correta para curar os animais, para os quais algumas ervas são exclusivamente indicadas.

**Quadro 5: Plantas mais usadas em animais domésticos.**

<b>NOME POPULAR</b>	<b>INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO</b>
Algodão	Inflamação
Babosa	Infecção, infestação de parasita
Anil	Verminose, parasitas (pulgás)
Mastruz	Verminose, inflamação, desintoxicação
Caraíba	Fraqueza, desânimo
Caroba	Fraqueza, desânimo
Faveleira ou Favela	Vitaminas, suprimento alimentar
Gendiroba	Anti-inflamatório
Jatobá	Vitamínico, anemia
Mamona-branca	Verminose, parasitas
Mamona-rocha	Verminose, parasitas da pelagem
Maracujá-nativo	Calmante, vitamínico
Pinhão-bravo	Verminose, limpeza do intestino
Piteira	Fraqueza
Polista	Infecção, inflamação
Quina-preta	Infecção, inflamação, fortificante
Sucupira	Inflamação, parasitas
Batata-de-tiú	Infecção, picadas de peçonhentos (p. ex., cobra)
Unha-danta	Infecção, inflamação, machucaduras

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

As plantas medicinais representadas nesse quadro são eficientes no tratamento de várias enfermidades que acometem os animais, sejam eles domesticados ou não, incluindo os bovinos, suínos, muares, caninos, felinos, equinos, caprinos e aves.

### 3.1.6 – PLANTAS COM PROPRIEDADE INSETICIDA

Registrou-se também nessas comunidades, em suas práticas cotidianas, o uso de plantas com propriedade inseticidas utilizadas nas roças de plantio de alimentos, nas hortas e pomares.

#### **Quadro 6: Plantas com propriedade inseticidas.**

<b>NOME POPULAR</b>	<b>INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO</b>
Arruda	Combate pulgões das hortas e pomares.
Cravo-de-defunto	Usado como repelente
Capim cidreira	Combate carrapatos em animais
Citronela	Combate pernilongos, mosquitos
Eucalipto	Usado na preservação de grãos
Neem-Nim	Combate a lagartas
Saboneteira	Combate insetos

**Fonte:** Pesquisa de campo (2018).

### **3.2 – IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DE PLANTAS MEDICINAIS QUE ESTÃO DESAPARECENDO**

Conforme relato dos interlocutores, as plantas mais ameaçadas na região são as espécies de benzimentos e as de pajelança ou rituais de cura, usadas nos tratamentos físico e espiritual. Incluindo outras muito importantes para os raizeiros e benzedores, são: ruibarbo, pé-de-perdiz, mama-cadela, jalapa, pacari, barbatimão, algodãozinho, alho bravo, papaconha, carapiá, imburana, arnica, rufão, ipês e centenas de outras plantas medicinais dessa região do nordeste e norte mineiro, área de transição entre Cerrado e Caatinga.

As plantas ritualísticas identificadas neste estudo são apresentadas em dois grupos: as de benzimentos e as de pajelança ou curandeiros. Considerando a dimensão e a complexidade do uso, cada uma delas é utilizada em diferentes espaços e por diferentes praticantes da medicina tradicional que conhecem profundamente as formas de manuseio adequado e as inúmeras recomendações de uso.

São notadas algumas diferenças importantes entre as plantas de benzimentos e as plantas de pajelança ou curandeiras. As plantas ritualísticas de benzimento podem ser usadas por qualquer pessoa que tenha boas energias e dons espirituais, de acordo com sua crença e em uma dimensão menos profunda. O executor do benzimento estabelece uma relação de fé entre o indivíduo e a Divindade a quem pede a benção ou proteção à pessoa necessitada.

As plantas ritualísticas de pajelança ou curandeiro só podem ser usadas por pessoas que se conectam a uma dimensão sobrenatural mais profunda. Há um preparo mais disciplinado. Não é qualquer um que pode trilhar os caminhos do universo da pajelança ou curandeirismo devido aos mistérios e segredos em torno da utilização dessas plantas que requer um conhecimento sobrenatural dos rituais para o uso correto.

Os quadros abaixo (Quadros 7 e 8) apresentam as principais plantas ritualísticas de benzimentos e de pajelança ou curandeiras que estão ameaçadas na região e a situação das práticas de uso.

**Quadro 7: Plantas de benzimentos e a situação das práticas**

NOME POPULAR	INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO	SITUAÇÃO DE USO
Canabrava	Proteção e fortalecimento espiritual	Pouco frequente
Guiné, Gambazinho ou Tipi	Equilíbrio espiritual	Frequente
Mirra	Orientação espiritual	Prática ausente
Quebra-demanda ou Sete-junta	Equilíbrio, conexão com o cosmo	Pouco frequente
Vassourinha-do-campo	Repelir o mal, equilíbrio espiritual	Frequente

Fonte: Pesquisa de campo (2018).



**Quadro 8: Plantas de pajelança ou curandeiras e a situação das práticas**

NOME POPULAR	INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO	SITUAÇÃO DE USO
Ajuká ou Jurema	Conexão com os Encantados, sobrenatural	Prática ausente
Amesca	Equilíbrio espiritual e do ambiente	Prática frequente
Aruanda ou Capim-caboclo	Conexão com o Cosmo, equilíbrio espiritual	Pouco frequente
Coité	Proteção e fortalecimento espiritual	Pouco frequente
Folha-de-arara	Orientação espiritual	Prática ausente
Pau-de-cheiro	Fortalecimento espiritual	Pouco frequente

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

As plantas ritualísticas de benzimentos e de pajelança são injustamente ameaçadas. As igrejas cristãs, principalmente as evangélicas, atingem principalmente as plantas utilizadas pelos pajés, curandeiras e os benzedores. São elas: ajuká ou jurema, aruanda ou capim-caboclo, amescla e arruda. No âmbito da saúde institucional, as plantas atingidas são as usadas pelas parteiras, raizeiras e curandeiros: sete-junta, vassourinha, mirra, tipi.

Finalmente nas questões ambientais, a degradação dos rios, usinas hidrelétricas, os desmatamentos, os agrotóxicos e a monocultura são fatores cruciais que contribuem de forma direta para o desaparecimento de variedades de plantas de benzimentos e ritualísticas. A canabrava é um exemplo de planta encontrada em ambientes próximos à margem do rio Jequitinhonha que é diretamente atingida por grandes quantidades de lama quando a usina hidrelétrica de Irapé abre suas comportas. A Usina Hidrelétrica de Irapé (Usina Presidente JK) está localizada nos municípios de Grão Mogol e Berilo, acima das comunidades Pankararu-Pataxó e Aranã. É a barragem mais alta da América Latina, com 208 metros.

**Figura 7: Assoreamento do rio Jequitinhonha**



Fonte: A autora, pesquisa de campo (2018).

Essas plantas são severamente ameaçadas, pois são afetadas de várias formas, em diferentes espaços, direta e indiretamente, como por exemplo pelos agrotóxicos utilizados nos monocultivos. Ao pulverizar o plantio, o veneno se acumula no solo ou na planta e é carregado pelo vento e pelas enxurradas, alcançando e contaminando as margens do rio e as áreas importantes onde existem plantas nativas.

**Figura 8: Irrigação utilizando água do rio Araçuaí para monocultura**



Fonte: a autora, pesquisa de campo (2018).

Com as atividades de mineração, ocorre a supressão de vegetação nativa, destruindo áreas onde havia diversidade de plantas utilizadas em diversos tratamentos.

**Figura 9: Atividade da mineração**



Fonte: a autora, pesquisa de campo (2018).

Nas instituições governamentais, as plantas utilizadas pelas parteiras não encontram espaços respeitosos. As parteiras não são incluídas nos programas de saúde dos governos e os hospitais não aceitam e não oferecem condições adequadas para os benzimentos, pajelança ou curandeiros. Em contraposição, o médico, o padre e o pastor têm livre acesso a qualquer espaço de saúde pública.

As religiões cristãs, principalmente as evangélicas, criminalizam e demonizam as plantas ritualísticas. Os pajés ou curandeiros são desvalorizados e estimulados a deixar suas práticas originárias de curas e tratamentos para aderir às práticas evangélicas, substituindo as ervas medicinais pela Bíblia Sagrada cristã, propondo que a “Bíblia cura todos os males”.

A partir do momento em que as plantas não são mais utilizadas, elas deixam de existir. Sua existência depende do uso, da procura, do manuseio, dos cuidados e da valorização, onde são reverenciadas, respeitadas e os conhecimentos sobre elas, fortalecidos entre as gerações.

### **Quadro 9: Plantas de benzimentos utilizadas pelos Aranã, da Fazenda Alagadiço**

<b>PLANTAS DE BENZIMENTOS</b>	<b>INDICAÇÃO/ RECOMENDAÇÃO</b>	<b>SITUAÇÃO DE USO</b>
Vassourinha-do-campo	Equilíbrio espiritual	Frequente
Arruda	Mau-olhado, inveja	Frequente
Fedegoso	Quebranto, desequilíbrio emocional	Frequente
Mastruz	Mal-estar, fraqueza	Frequente
Amesca	Equilíbrio do ambiente	Pouco frequente

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Na área dos Aranã, na Fazenda Alagadiço, as plantas ritualísticas de pajelança ou de curandeiros utilizadas pelos Pankararu-Pataxó não são reconhecidas para tal finalidade. Já as plantas ritualísticas de benzimentos estão mais presentes, possibilitando realizar essa prática com mais frequência.

### **3.3 – O VALOR TERAPÊUTICO DAS PLANTAS MEDICINAIS**

Nesta pesquisa, foram citadas pelos raizeiros e benzedores as propriedades curativas de várias plantas que são utilizadas em tratamento de sintomas ou doenças como dor de cabeça, reumatismo, verminose, gripe, resfriado, bronquite, alergias, tosse, diarreia, pressão alta, anemia, fraqueza, depurativo do sangue, calmante, dor na coluna, depressão, gastrite, dores abdominais, alcoolismo, cólicas, males do fígado, dores em geral e problemas espirituais e emocionais.

Foram citadas cerca de 70 plantas nativas encontradas nos diversos ambientes de áreas de transição Cerrado–Caatinga, ou cultivadas nas hortas, quintais e pomares.

Vale destacar que o conhecimento que os pajés possuem sobre a flora local e a manipulação das ervas é digno de reconhecimento e que não consiste numa forma paliativa ou atrasada de lidar com problemas de saúde. Ele resulta de anos de observação e prática e depende da

transmissão de conhecimentos por meio da oralidade (Trecho de texto da Conferência local de Saúde Indígena Araçuaí, 2013).

**Quadro 10: Registro de plantas de uso cotidiano e os principais sintomas ou doenças**

<b>NOME POPULAR</b>	<b>PROPRIEDADE TERAPÊUTICA</b>
Agrião-do-brejo	Antigripal, expectorante, bronquite, tosse alérgica
Algodãozinho	Analgésico, depurativo, antirreumático, manchas na pele, DST
Alho-bravo	Expectorante, antitussígeno, bronquite, antigripal
Arnica	Cicatrizante, anti-inflamatório
Buta ou abutua	Digestivo, inapetência
Carapiá	Anti-inflamatório, emenagoga, cólicas uterinas, anestésico
Carobinha-do-campo	Desintoxica o organismo, cicatrizante
Chapéu-de-couro	Diurético, laxativo, reumatismo, doenças hepáticas, depurativo
Cordão-de-frade ou Macaé	Hepatite, diarreia, hemorragias, problemas digestivos.
Douradinha-do-campo	Cardiotônica, diurética, energética
Embaúba-branca	Bronquite, diabetes, hipertensão
Espinheira-santa	Gastrite, azia, dores estomacais
Jalapa ou batata-de-purga*	Vermífuga, desintoxica o organismo
Jatobá-branco	Bronquite, gripe, asma, tônico
Mama-cadela	Manchas na pele, vitiligo, depurativo, bronquites
Pacari	Cicatrizante, gastrite, úlceras do estômago

Pé-de-perdiz	Anti-inflamatório, cicatrizante
Rufão	Antianêmico, impotência sexual, anti-inflamatório, expectorante
Umburana-de-cheiro	Sinusite, dor de cabeça, bronquite, gripe
Unha d'anta	Diabetes

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

\* Usada também para tratamentos de animais domésticos.

Todas as plantas nativas dessa região estão ameaçadas em seus ambientes. Algumas já não são encontradas com facilidade, como exemplo o jatobá-branco, a mama-cadela e a umburana-de-cheiro.

### 3.4 – CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE CURA

São variadas as formas de tratamentos usando as plantas medicinais nas comunidades indígenas.

#### 3.4.1 – FORMAS DE TRATAMENTOS E OS MODOS DE PREPARAR OS REMÉDIOS

- **Banhos:** em um recipiente com água cozinha-se uma porção da planta durante trinta minutos. A planta é coada e o líquido colocado na água preparada para o banho do corpo todo, dos pés à cabeça. A água deve estar morna ou em temperatura suportável. Este tratamento dá bom resultado em casos de reumatismo, dores musculares, nervosismo, ansiedade, febre e outras enfermidades.
- **Benzimentos:** prática muito antiga, tradicional, utilizada por muitas culturas. Os Pankararu-Pataxó e Aranã praticam seus rituais de cura dentro de um conjunto de orações do seu próprio universo cultural. Convivem cotidianamente com a diversidade de raízes, folhas, flores e ramos que são utilizadas para os benzimentos e rituais de curas. “Qualquer pessoa pode benzer, desde que tenha o dom e a fé na força que vem de Deus e que habita em cada um de nós”, afirma o benzedor do povo Aranã.

Foram identificadas diversas formas de benzimentos. Para o benzedor do povo Aranã, essa prática pode ser das seguintes formas:

1. O benzimento pode acontecer à distância. A pessoa que necessita do atendimento manda o nome completo e informa o que está sentindo, todos os sintomas.
2. O benzimento de perto, no qual benzedor utiliza alguns elementos para realizar a atividade. Benzer com água e carvão; benzer com garrafa d'água na cabeça da pessoa necessitada; benzer com ramos específicos para essa finalidade (arruda, quebra-demanda, mastruz, fedegoso,); benzer com material à base de metal (faca ou colher).

Alguns benzedores, homem ou mulher, do povo Pankararu-Pataxó, além de utilizar também essas práticas, realiza benzeções usando cinzas retiradas de frutos do coité ou canabrava. O uso do Kampiô (cachimbo sagrado em forma de cone) é comum em várias situações. Cada tipo de benzimento tem sua indicação e está direcionado a um problema específico.

- Dietas: planejamento alimentar que ocorre durante o uso de determinada planta medicinal por um período. Algum tipo de alimento pode ser suprimido conforme a necessidade da pessoa, seguindo a orientação do raizeiro. É indicado também a abstenção de bebida alcoólica e sexual.
- Massagens: a massagem consiste em fazer leves ou fortes fricções em determinada região do corpo para que o remédio penetre no organismo. Usam-se óleos, banha ou gordura de animal, pedras aquecidas e pó de sementes ou folhas trituradas.
- Orações e promessas: são os pedidos, as súplicas, os compromissos firmados e as invocações ao Sagrado na busca de proteção e curas das enfermidades.
- Pajelança: são os rituais realizados pelo líder espiritual da comunidade indígena, o pajé, nos processos de curas, evocando os espíritos dos ancestrais e da natureza. Nos rituais são utilizadas folhas, raízes, sementes, resinas, dentre outras ervas medicinais.

- Reclusão: trata-se do recolhimento da pessoa em ambiente semifechado para tratamento da saúde. O raizeiro pode solicitar o afastamento da pessoa do convívio familiar para o uso de alguns chás ou ervas consideradas “finas”. Nesse caso, a pessoa não poder tomar vento, ver a claridade do sol ou ouvir barulho.
- Sacudimento: consiste no uso de folhas ou galhos de plantas medicinais em forma de feixe para passar no corpo, desde a cabeça aos pés, como se estivesse fazendo uma limpeza.
- Bochechos: Trata-se de agitar o cozimento ou chá de plantas na boca com as bochechas. Este tratamento é indicado para estomatite, gengivite ou dor de dente.
- Cataplasma: preparação de uso externo de consistência mole. Pode ser preparada com plantas cozidas e amassadas em forma de tortas. A planta é macerada ou socada em um pilão formando uma papa, que é colocada entre dois pedaços de gases ou pano limpo e aplicada sobre os locais afetados.
- Compressa: é uma aplicação quente ou fria de uma toalha ou pano limpo embebido em chás ou tinturas diluídas ou outros preparados líquidos sobre machucados ou ferimentos.
- Decocção: a decocção é usada para o cozimento das partes mais duras da planta: raiz, caule, casca, sementes. Colocada em um recipiente com água fria, a planta é cozida pelo tempo necessário. O chá obtido por decocção deve ser consumido no mesmo dia do preparo.
- Gargarejos: gargarejar é agitar o líquido indicado, preparado com plantas, na garganta. Este tratamento se faz em caso de inflamação na garganta, rouquidão ou estomatite.
- Geoterapia ou cura pela terra: consiste no uso da terra, aplicação de argila ou lama, para tratar a saúde. Os variados tipos de argila (terra medicinal com alto teor de ácido silícico) possuem forte poder de curar. As mais usadas na medicina tradicional são a argila branca e a argila vermelha, que têm propriedades antitérmicas, absorventes, antiflogísticas, digestivas, desintoxicantes, descongestionantes, cicatrizantes, revitalizantes, antirreumáticas e antialérgicas.



- Inalação: é respirar ou aspirar o vapor da planta cozida em água quando começa a ferver. É recomendado usar um funil de papel grosso para aspirar o vapor e proteger o rosto. Este tratamento é indicado para gripes, congestão nasal, rouquidão e inflamação de garganta.
- Infusão: é o preparo usando a planta ou as partes mais delicadas – folhas e flores. Despejar água fervente sobre as folhas ou flores, tampar e deixar repousar pelo tempo necessário. Coar e beber no mesmo dia.
- Ingestão: consiste em tomar o remédio em forma de chá, xarope, vinho, suco e sumo, ou comer a planta.
- Instilação: é o mesmo que pingar gotas de remédios no ouvido, olhos e nariz. São usados sucos de plantas, azeite, mel. Deve-se ter muito cuidado no preparo.
- Lambedor: é um preparado, parecido com xarope, feito com rapadura, açúcar mascavo ou mel, ervas, raízes, cascas ou sementes medicinais. Indicado para tosse e tem propriedade expectorante.
- Óleos curativos: feitos com óleo vegetal, folhas, flores ou sementes de plantas medicinais. Usados para tratamentos de pele e para tomar em caso de certas doenças.
- Pomada (unguento): um preparado feito com substâncias gordurosas (gordura vegetal, animal, óleo de coco, amendoim ou gergelim), sucos de plantas medicinais, tinturas e cera de abelha. É utilizada para tratamentos de pele, manchas, queimaduras, picadas de insetos e outros ferimentos.
- Raspa: consiste na raspagem de cascas, sementes ou caule de plantas medicinais. São armazenadas para uso posterior. É usada misturando água fria e deixando de repouso por um tempo ou em água quente para fazer o chá.
- Sopas: consiste em um caldo preparado com ervas de horta ou do “mato”, utilizadas para chá. São boas para a saúde e usadas para tratamento de anemia e desnutrição.
- Sucos ou sumos: a extração do líquido de uma planta inteira ou parte dela, como raiz, folhas, ramos, através de fricção ou maceração e

pressão. Pode socá-las também em pilão e torcê-las através de um pano limpo e fino até retirar todo o suco ou sumo.

- Tinturas: é uma forma de preparação em que se extraem os princípios ativos de plantas medicinais. São processos delicados que consistem na mistura de partes de plantas secas, trituradas ou picadas, imersas em álcool de cereais 70°, de pureza absoluta. Tem validade de um ano. Usa-se em gotas.
- Vinho medicinal: é uma bebida obtida pela maceração da planta em vinho tinto ou branco de boa procedência durante alguns dias, sendo depois filtrado e conservado em lugar seco.
- Xaropes: é um preparado líquido e denso feito com água, mel, rapadura ou açúcar mascavo e plantas medicinais. Deve ser guardado em lugar fresco ou em geladeira. Na confecção de xarope com tintura e mel, estes não devem ser fervidos.

### **3.5 – CUIDADOS E ADVERTÊNCIAS DOS RAIZEIROS E BENZEDORES**

Há recomendações importantes dos raizeiros, raizeiras, benzedores e pajés: cuidados e advertências quanto ao uso das plantas medicinais.

Observações importantes:

1. Ao coletar: primeiro pedir licença ao tocar na planta. Com respeito pedir às partes que dela necessita: folha, casca, flor ou semente. Colher as folhas verdes e adultas, flor completa e viçosa, semente madura e quase seca e a casca e a raiz só devem ser retiradas depois do crescimento completo da planta. Deixar algumas plantas de cada espécie no lugar onde se faz a coleta, para que possam multiplicar-se e as espécies sejam preservadas. Após a coleta, agradecer à planta.
2. O local de coleta: não coletar em margem de asfalto, próximo a lixão, esgotos, fábricas, estradas e próximo a monocultivo onde se utiliza agrotóxico.
3. O horário: fazer a coleta pela manhã ou à tardinha, para garantir os princípios ativos da planta.

4. Fases da lua: algumas plantas só podem ser coletadas na lua minguante, principalmente as raízes. Na lua crescente coletam-se talos e ramos e na lua cheia, as folhas. Há plantas que só podem ser coletadas em noites escuras, sem lua.
5. Forma de armazenar: em vidro seco e bem tampado. Em local arejado e seco. Evitar a luz direta do sol sobre a planta. Secar à sombra, em ambiente ventilado ou ao sol da manhã.
6. Os cuidados especiais: as gestantes, parturiente, mulher em fase de amamentação, pessoas idosas muito debilitadas e crianças não devem usar remédio de qualquer planta, devido à toxicidade de algumas.

As recomendações da raizeira e benzedeira Pankararu são as seguintes: “Antes de coletar a planta medicinal, ou qualquer outra planta, você tem que pedir, rodeando a planta por três vezes e se ajoelhar. Retirar a parte da planta que precisa e agradecer”. Segundo ela, se esse procedimento não for realizado, a planta morre ou o remédio não cura. Se fizer o chá, ela não vai liberar o seu princípio ativo.

Os Pankararu usam folhas, sementes, cascas de plantas no Kampiô (cachimbo em forma de cone, feito a partir da madeira de umburana-de-cambão, raiz de jurema-preta ou barro), os Pataxó usam o Timbero (cachimbo de madeira, principalmente angico).

### **3.6 – A SITUAÇÃO ATUAL DOS RAIZEIRO, RAIZEIRA, BENZEDORES E PAJÉS E AS PRÁTICAS DA MEDICINA ANCESTRAL**

A discussão em torno da situação atual dos que praticam a medicina dos ancestrais traz alguns conceitos e definições relacionados a esses praticantes da medicina tradicional, conhecidos como raizeiro, raizeira, benzedores e pajé.

Raizeiras e raizeiros são povos tradicionais, detentores de conhecimentos transmitidos através de gerações, que cuidam da saúde comunitária por meio de recursos naturais e da espiritualidade. Sabem identificar plantas medicinais e seus ecossistemas de ocorrência, conhecem técnicas sustentáveis para a coleta de plantas, preparo de remédios caseiros e sua indicação para muitos males e doenças (DIAS e LAUREANO, 2010, p. 86).

De acordo com a religiosidade dos Pankararu-Pataxó, o pajé é uma pessoa dotada de capacidade, preparada e com o dom de lidar com os poderes sobrenaturais, de prever o futuro, aconselhar, orientar e proceder aos processos e práticas de cura. Usa técnicas de banhos, massagens e benzimentos por ser um profundo conhecedor das “ervas de cura”, sementes, raízes, folhas, resinas, substâncias animais (gordura de sucuri, de capivara, de teiú, peles, unhas, pelos, dentre outros) e minerais (pedras e rochas) que auxiliam na cura das mais diversas doenças, sejam espirituais ou físicas.

Mas, no decorrer desta pesquisa, foram citados vários problemas. Essas atividades, que eram rotineiras, atualmente não ocorrem com frequência, com destaque às práticas realizadas pelos pajés. A dificuldade em encontrar as ervas medicinais necessárias e o exercício de religiões evangélicas são exemplos da situação atual não só dos pajés, mas de todos os raizeiros, raizeiras, curandeiros e benzedores. Católicos, os Aranã falam com muito orgulho da função de sacristão que Pedro Sangê exerceu na Fazenda Campo. Em regime de mutirão, eles construíram uma capela naquela fazenda, onde até hoje seus filhos e netos realizam cultos (CALDEIRA, 2003, p. 1-5).

Os Pankararu ainda realizam o ritual chamado pajelança na aldeia de origem (Aldeia Brejo dos Padres – PE). O pajé usa ervas medicinais adequadas para curar ou resolver problemas espirituais, entrando em contato com os Encantados através dos Praiás. É importante ressaltar que o pajé que atendia a Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, povos Pankararu e Pataxó tornou-se evangélico e não pratica mais as atividades que são atribuídas aos pajés. A disciplinada atuação das igrejas evangélicas transforma os pajés e benzedores em pastores e representantes ativos de suas igrejas.

### **3.7 O VALOR DA MEDICINA TRADICIONAL PARA OS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS**

A sociobiodiversidade dessa região, composta por povos originários e comunidades tradicionais (indígenas, quilombola, ribeirinhos, extrativistas) “ainda manejam e conservam uma gama significativa de espécies e variedades de plantas, utilizadas na alimentação, medicina, fonte energética, fibras e outras” (DAYRELL e VIEIRA, et al. 2013, p. 11). Importantes pesquisas realizadas no semiárido de Minas Gerais consideram essa região especial, porque envolve espécies nativas na região de

encontro do Cerrado com a Caatinga e a Mata Atlântica. As plantas medicinais desses ecossistemas são muito importantes para os habitantes desses ambientes, pois estão associadas aos sistemas tradicionais de manejo da biodiversidade e da sustentabilidade, importante para a manutenção e perpetuação dos conhecimentos, dos saberes e dos fazeres. É desses diversos ambientes que tiram o sustento e as raízes para curar as doenças. Portanto, o valor da medicina tradicional está relacionado à vida de seus povos. A raizeira e benzedeira Pankararu afirma: “As plantas, para mim, é minha vida. Se um dia elas morrerem, eu morro junto com elas”.

### **3.8 – OS IMPACTOS AMBIENTAIS NAS ÁREAS INDÍGENAS PANKARARU-PATAXÓ E ARANÃ**

No entorno da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba estão instaladas a mineradora Quartzo Brasil Exploração Mineral (Figuras 8 e 9) e fazendas de monocultura que utilizam irrigação de ponta e, com isso, jorra agrotóxico no rio Jequitinhonha. Dessa forma, a aldeia sofre com os resíduos, poeira, barulho, explosões, dentre outros impactos.

### **Figuras 10 e 11: Áreas de refúgio de animais e coleta de plantas**



Fonte: a autora, pesquisa de campo (2018).

É válido registrar que as atividades da mineradora, de irrigação e monocultura estão degradando áreas importantes de refúgio de animais silvestres e de coleta de plantas medicinais. O mais grave é o assoreamento do leito do rio Jequitinhonha, lembrando que a Hidrelétrica de Irapé interferiu na dinâmica do rio, prejudicando a pesca e comprometendo a mata ciliar. Com a destruição das matas ciliares e a supressão da vegetação de outros ambientes próximos (Figuras 10 e 11), percebe-se os impactos direto sobre ipês, pau-terra, tamboris, imbarés, algodãozinhos, cactos e tantas outras plantas importantes na prática da medicina tradicional da região.

### **Figura 12: Foco de incêndio às margens do rio Jequitinhonha**



Fonte: a autora, pesquisa de campo (2018).

Os Aranã da Fazenda Alagadiço são impactados pela monocultura de eucalipto que está na Chapada logo acima de seu território e pelos incêndios intencionais que devastam importantes ambientes à margem do rio Jequitinhonha e Araçuaí, onde são

encontrados a canabrava, o mentrasto, o ingá, a embaúba-branca e outras plantas utilizadas por toda a comunidade regional representada pelos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e pescadores.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A perda e a degradação territorial que incidem sobre o desaparecimento de algumas plantas usadas nos rituais, outras religiões que interferem violentamente nas práticas e processos de curas, nos saberes e conhecimentos são fatores cruciais para a perda da identidade dos benzedores, raizeiros, curandeiros, pajés e, conseqüentemente, do uso das ervas medicinais e ritualísticas.

### **4.1 – ESTRATÉGIAS DE INTERCÂMBIO E CONSTRUÇÃO DE ALIANÇAS**

Os impactos ambientais são percebidos por essas comunidades e povos tradicionais com muita preocupação e resiliência. A capacidade de criar e recriar novas estratégias para manter suas práticas e defender o Cerrado, suas culturas e identidades e resolver novos problemas que afetam a saúde, como o surgimento de novas doenças, é o referencial dessas comunidades.

#### **4.1.1 – ENCONTROS DE PAJÉS, OFICINAS E SEMINÁRIOS**

A realização de encontros, seminários e oficinas nas comunidades indígenas são espaços vitais para debates e construção de alianças. Os objetivos dessas atividades contemplam a construção de políticas públicas sobre plantas medicinais, o fortalecimento de parcerias e pacto de novas alianças, a valorização e o reconhecimento das atividades de benzedeiras, raizeiras, curandeiros e pajés. Dando continuidade ao diálogo com os pajés de forma a valorizar, fortalecer e reconhecer as várias espiritualidades indígenas e promover uma ampla reflexão sobre a espiritualidade ancestral e a relação com o meio ambiente, chamado pelos povos originários de “Mãe Terra”, refletindo sobre as mudanças climáticas e a questão da água no planeta. Além de discussões sobre a necessidade de criar protocolos de consulta, a exemplo do Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado – o direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional como ferramenta política.



Os protocolos comunitários são instrumentos que contêm acordos elaborados por comunidades locais, sobre temas relevantes aos seus modos de vida, visando à garantia de seus direitos consuetudinários. Os direitos consuetudinários são fundamentados na tradição, e são expressos por valores, princípios, regras, cosmovisões e práticas que são passados de geração em geração, num movimento vivo e contínuo. Neste contexto, o Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras tem o objetivo de ser um instrumento político para a conquista de uma legislação que garanta o direito consuetudinário de quem faz o uso tradicional e sustentável da biodiversidade brasileira para a saúde comunitária (DIAS e LAUREANO, 2014, pp. 8 e 9).

Em parceria com outras comunidades, a Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, do município de Araçuaí – Médio Jequitinhonha, através da AIPPA – Associação Indígena Pankararu-Pataxó, com a participação de diversos parceiros, sediou, em 2015, o Seminário sobre Plantas Sagradas, Mulheres e Direitos, com debates, reflexões e abordagem dos temas políticas públicas e plantas medicinais, com atenção para as plantas medicinais do Cerrado e da Caatinga.

Vale informar que foi realizado em 2012 o I Encontro de Pajés, com o tema Espiritualidade dos Pajés “Txopai Opará” (Águas Sagradas) e, em 2013, o II Encontro de Pajés, com o tema Resistência, Espiritualidade e Fé dos Pajés na “Mãe Terra”. Nesses eventos, registraram-se a participação de parceiros e representantes dos seguintes povos: Aranã (municípios de Coronel Murta e Araçuaí), Maxakali (município de Ladainha), Mokuriñ (município de Campanário), Xakriabá (município de São João das Missões), Pataxó-Tukunã (município de Açucena), Krenak (município de Resplendor), Tuxá (município de Buritizeiro) e Pankararu-Pataxó de Araçuaí, além de representantes dos Quilombo Baú e do Arraial dos Crioulos (município de Araçuaí). Outros parceiros envolvidos: Cáritas, Levante da Juventude, Secretarias de Saúde e Educação, PSI-Polo de Saúde Indígena, Pastoral da Criança, Cantinho da Saúde e Casa Semente da Gente (município de Itinga).

**Figura 13: Pajé do povo Krenak, com 103 anos de idade**



Fonte: a autora.

**Figura 14: Benzedeira do povo Xakriabá**



Fonte: a autora.

**Figura 15: Raizeira e parteira Maxakali**



Fonte: a autora.

**Figura 16: Benzedor e raizeiro do povo Xakriabá**





**Figura 17: Representantes Aranã e Xakriabá**



Fonte: a autora.

#### **4.1.2 – PARCEIROS E ALIADOS**

As articulações e os intercâmbios promovem a aproximação entre as lideranças das comunidades e dos parentes, a união, o fortalecimento da cultura, o contato direto dos jovens com os anciãos, o conhecimento da história dos povos, a valorização e o respeito dos espaços de aprendizado da cultura.

**Figura 18: Momentos do Encontro de Pajés**



Fonte: a autora.

**Figura 19: Cacique Ivan Pankararu e pajé Domingos Pataxó**



Fonte: a autora.

**Figura 20: Liderança Guarany – ES**



Fonte: a autora.

**Figura 21: Representante da Aldeia Tukunã**



Fonte: a autora.

É necessário e urgente reconhecer o valor da medicina tradicional para os povos que habitam essas regiões de áreas de transição Cerrado–Caatinga, de relevância ancestral, através da valorização e do respeito aos praticantes da medicina tradicional e aos pajés. Construir, reconstruir e fortalecer as redes ou as teias, como fazem os raizeiros, raizeira, curandeiros e pajés em seus mundos naturais e sobrenaturais. Ações como o projeto Okha-Kahab: Casa de Saúde, Cura e Harmonia, desenvolvidas pelos Pankararu-Pataxó da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, e as atividades de recuperação de nascentes desempenhadas pelos Aranã da Fazenda Alagadiço são provas dos conhecimentos e valores perpetuados por esses povos que habitam o Vale do Jequitinhonha, Cerrado mineiro.

Diante desse pluralismo epistêmico, é interessante saber que os povos do Cerrado e da Caatinga entoam cantos de resistência afirmando: “Na minha aldeia tem beleza sem contar. Eu tenho arco, eu tenho flecha e raiz para curar. Viva Tupã! Viva tupã!, que traz sempre o raiô” (canto religioso Pataxó).

## 4.2 – RECOMENDAÇÕES

Conquistar espaços políticos através das:

1. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006;
2. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007;
3. Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas – PNGATI. Decreto 7747, de 5 de junho de 2012;
4. Organizações da sociedade civil com atuação na região: CAA – Centro de Articulação do Semiárido e Articulação Pacari.

Ao analisar o atual cenário político, percebe-se que a conjuntura do momento é caracterizada por graves ameaças e violências direcionadas aos povos originários e comunidades tradicionais. Constitui-se em um ambiente perverso, negando os direitos garantidos constitucionalmente.

Portanto, a conquista de cada um desses espaços políticos se dará a partir do diálogo franco entre Estado, povos originários e comunidades tradicionais, com a participação consciente e efetiva dessas comunidades no processo de construção, implementação e atuação de políticas públicas. Observar e fazer valer a legislação para garantir a regulamentação e os objetivos de cada uma dessas políticas: Política Nacional de Plantas Medicinal e Fitoterápico; Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais; e Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas – PNGATI. Principalmente buscando ferramentas para fortalecer as organizações indígenas em todas as instâncias do poder público, no âmbito da Constituição Brasileira de 1988, construindo base sólida de enfrentamento dos desafios propostos pelo atual governo para garantir a manutenção dos direitos básicos, como os direitos territoriais e identitários que foram conquistados com muita dificuldade e sofrimento.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUTI, J. M. P. A. **O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional – Rio de Janeiro, 1996. pp. 11-24.

BARBOSA, A. S. **A medicina das comunidades do Cerrado – PALESTRA: 3º ENCONTRO DE BENZEDEIRAS, PARTEIRAS E RAIZEIRAS DO CERRADO – GOIÂNIA**, 2002, ITS/UCG. p. 10.

CALDEIRA, Vanessa. **O povo Aranã ressurgue na história do Vale do Jequitinhonha**. Revista Expresso Notícias, Capelinha– MG: 1ª ed., 2001, p. 19

CALDEIRA, Vanessa. **Aranã: a luta de um povo no Vale do Jequitinhonha**. Relatório da Associação Nacional de Apoio Indigenista (ANAI), CEDEFES, 2003, Belo Horizonte, pp. 1 a 5.

COMUNE, Irmã Andreia. **Recursos da natureza para saúde**. CARTILHA DA SAÚDE 4ª ed., Rio de Janeiro, 1986, pp. 19 a 20.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Conferência realizada na Reunião do SBPC em Belém – Pará, 2007. Revista USP, São Paulo, nº 75, p. 76 a 84

DAYRELL e VIEIRA, et al., **Revista Agrobiodiversidade: uso e gestão compartilhada no semiárido mineiro**. Cáritas Regional – MG, 1ª ed. 2013, p. 11.

DECRETO LEGISLATIVO nº 2, de 5 de junho de 1994. Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/legislacao/>>.

DIAS e LAUREANO. **Farmacopeia Popular do Cerrado**. ARTICULAÇÃO PACARI. Goiânia, 2009, pp. 42 a 94.

DIAS e LAUREANO. **Protocolo comunitário biocultural das raizeiras do Cerrado – Direito consuetudinário de praticar a medicina tradicional**. ARTICULAÇÃO PACARI. Turmalina, 2014, pp. 5 e 6.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo, 2000. pp. 11-12.



FONTES, M. A. L. et al. **Levantamento etnoecológico das comunidades indígenas Pankararu e descendentes de Pedro Sangê, na região da Fazenda Alagadiço-Coronel Murta – MG** – Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 1999. pp. 2 a 9.

MAZZETO, C. E. S. Ordenamento territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: UFPR, nº 19, 2009, p. 90 a 98.

MURA, Claudia. **“Todo mistério tem seu dono!” Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu**. Rio de Janeiro, 2013. p. 233-234

NOGUEIRA, Mônica. **Gerais a dentro a fora: identidade e territorialidade entre os Geraizeiros do norte de Minas Gerais**. IEB – Mil Folhas, 1ª ed., Brasília, 2017. pp. 87-88.

RIBEIRO, Rosemary Machado. **O mundo encantado Pankararu**. Recife: UFPE, 1992. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Luiz Antonio Xavier dos. *Biopirataria*. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 05 set. 2008. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.20866&seo=1>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

SOARES, Geralda Chaves. Entrevista de Nayá Fernandes. **Diário de Minas**. 2015. p. 8.

VÍDEO DOCUMENTÁRIO: TV-Araçuaí. nº 56. **Raizeiros Aranã: Usos de raízes para curar os males do corpo e da alma – apoio da Aldeia Cinta Vermelha-Jundiba, 2017.**

ZURLO e BRANDÃO. **As Ervas comestíveis: descrição, ilustração e receitas**. COLEÇÃO DO AGRICULTOR – GLOBO. Rio de Janeiro: Biblioteca Universitária – UFMG, 1989. pp. 19-55.

## 7. APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA

### **Pankararu-Pataxó (Araçuaí – MG) e Povo Aranã (Coronel Murta – MG)**

Nome da Etnia: \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Liste as plantas que o/a senhor (a) considera mais importantes como remédio, para benzer e de uso espiritual.

NOME DA PLANTA	USO (medicinal, benzimentos, espiritual)	FACIL DE ENCONTRAR?		ONDE ENCONTRAR (quintal, horta, chapadas, boqueirões, outras aldeias de outros estados)
		SIM	NÃO	

☐ Raizeira / Raizeiro

☐ Curandeira/Curandeiro

☐ Benzedeira/Benzedor

☐ Pajé

**1 – Quais as plantas o/a senhor (a) não encontra mais?**

**2 – O que o/a senhor (a) acha que causou o desaparecimento destas plantas?**

**3 – A falta de algumas plantas muda os cuidados com a saúde?**

**4 – Como fazem para seguir cuidando das pessoas sem todas as plantas que precisa?**

**5 – Surgiram novas doenças?**

**6 – Quais as plantas mais usadas?**

**7 – Onde são encontradas?**

☐ Próximo

☐ Distante

**8 – Quais as dificuldades para encontra-las?**

**9 – Há quanto tempo essas plantas desapareceram? Não são mais encontradas?**

☐ Há mais de 5 anos

☐ Há mais de 10 anos

**10 – Qual a importância das plantas medicinais para a sua comunidade, seu povo?**

**11 – Quem é o culpado do desaparecimento das plantas medicinais do Cerrado?**

**12 – Qual o sentimento do/a senhor (a) quando não encontra mais as plantas que precisa?**

☐ **Tristeza**

☐ **Revolta**

☐ **Raiva**

**13 – Quais as práticas que o/a senhor (a) utiliza mais?**

☐ **Benzimentos**

☐ **Garrafadas**

☐ **Chás, xaropes, lambedor**

☐ **Outros**